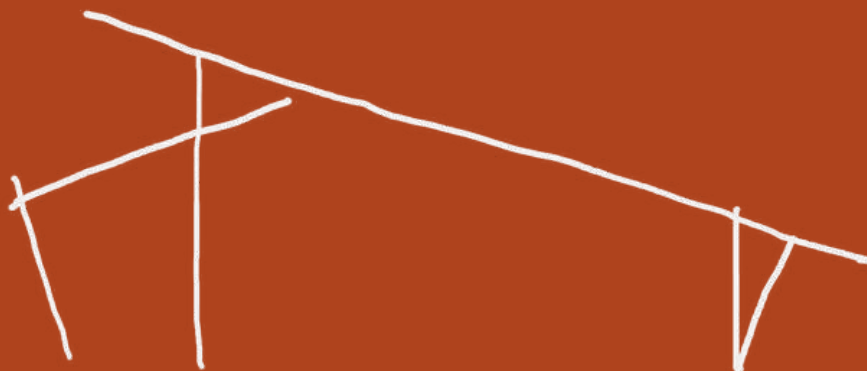


espaço, sensibilidade e suporte

uma proposta de maggiie's centre para florianópolis

Mariana Koziel Lorencetti



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadora Maíra Longhinotti Felipe

sumário

1 introdução

- 04 apresentação
- 05 objetivos
- 05 metodologia

2 conceitos para leitura de ambientes de cura

- 06 psicologia ambiental: o porquê emocional
- 06 neurociências aplicadas à arquitetura
- 07 arquitetura da cura: o espaço como cuidado
- 07 paisagismo e natureza como co - terapeutas
- 07 fecho: a gramática do cuidado

3 modelo e atmosfera do cuidado

- 08 maggie's centres
- 09 a tectônica e o espaço

4 o local

- 10 escolha e análise do terreno
- 11 análise urbana do entorno
- 11 diagnóstico urbano e contexto local

5 o processo

- 13 briefing
- 13 diretrizes projetuais
- 14 conceito arquitetônico
- 15 fluxograma e esquemas funcionais

6 a proposta:

- 16 um maggie's pra chamar de nosso

dedico este trabalho

Para Ana Claudia e João Carlos, por serem origem, abrigo e permanência e por me darem raízes fortes o suficiente para crescer.

Para Maria, porque você sempre vai ser a minha pequena.

Para Israel, por acalmar o que em mim entrava em desordem e por pensar comigo quando eu já não conseguia;

Para Magda e Jailson, por me receberem como casa, desde o começo;

Para as mulheres do Grupo Gama, por compartilharem comigo uma sabedoria construída no cotidiano, no afeto e na coragem.

Para Cecília, que partiu cedo demais, mas deixou em mim um jeito sensível de olhar o mundo. A dor da sua ausência me ensinou a escutar, a acolher e a compreender que cuidar vai muito além da cura. Este Maggie's nasce da saudade, da memória e do amor que não se perdeu com o tempo. É uma tentativa de transformar ausência em abrigo e lembrança em esperança...



***...este maggie's é,
e sempre será
para você, vó.***

introdução

Receber um diagnóstico de câncer é atravessar um limiar: o tempo muda de ritmo e o cotidiano se reordena. Não é só quem recebe a notícia; familiares, cuidadores e profissionais que acompanham a jornada também são afetados. Nesse contexto, o ambiente em que se espera, conversa e respira - a luz pela janela, o nível de ruído, a possibilidade de privacidade ou de estar junto, o acesso a vista e jardim - interfere diretamente na maneira de enfrentar o tratamento. E a escala do problema exige respostas à altura: no Brasil, cerca de 80 pessoas por hora recebem esse diagnóstico (INCA, 2023–2025). Projetar, aqui, é participar do cuidado.

Apesar dos avanços clínicos, muitos espaços de saúde seguem regidos pela eficiência e pelo controle, moldados por uma lógica técnica e funcionalista, produzindo ruído, sinais confusos e pouca privacidade - estressores que se somam à dor e à incerteza. Pacientes e quem os acompanha vivenciam, assim, respostas fisiológicas e psicológicas ao estresse (fadiga, ansiedade, desamparo).

É nesse ponto que a evidência se impõe. Ulrich (1984) afirma: *"the effects of supportive design are complementary to the healing effects of drugs and other medical technology, and foster the process of recovery"*. Em outras palavras, o desenho do ambiente complementa o tratamento: devolve legibilidade a quem está perdido, escolhe a quem se sente sem controle e refúgio a quem precisa respirar.

É nessa direção que os Maggie's Centres apontam: lugares não hospitalares, vizinhos ao tratamento, onde a cozinha é coração, a conversa tem mesa e chá, e o jardim não é moldura - é parte do cuidado. Ali, apoio psicológico e social se articulam com o desenho do edifício para sustentar autonomia, acolhimento e esperança

A partir desse horizonte, este Trabalho de Conclusão propõe um centro de apoio oncológico em Florianópolis inspirado por esses princípios e ancorado em psicologia ambiental, neurociências aplicadas, arquitetura da cura, o papel do paisagismo e da natureza como co-terapeutas e design baseado em evidências - para que o projeto traduza em matéria aquilo que a pesquisa escuta: necessidades, medos, gestos cotidianos de coragem.

Em última instância, trata-se de encontrar o belo no meio do caos. Não como adorno, mas como estrutura de cuidado. Assim se formula a pergunta que guia todo o percurso:

como a arquitetura pode atuar como ferramenta ativa no enfrentamento do câncer?

"You treat a disease, you win, you lose. You treat a person, I guarantee you, you'll win, no matter the outcome"

Hunter Patch Adams

apresentação

objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral investigar de que maneira a arquitetura pode atuar como ferramenta ativa no processo de enfrentamento do câncer, a partir do estudo dos Maggie's Centres e da análise da percepção de pacientes oncológicos e profissionais da área da saúde. Parte-se do pressuposto de que o ambiente construído exerce influência significativa sobre o bem-estar emocional, psicológico e físico dos indivíduos, especialmente em contextos de vulnerabilidade associados à doença.

Para alcançar esse objetivo, foram definidos objetivos específicos articulados entre si. Inicialmente, busca-se compreender a evolução histórica da arquitetura hospitalar e os impactos da racionalidade higienista na conformação dos espaços de saúde contemporâneos (1). Em seguida, propõe-se a análise dos princípios norteadores dos Maggie's Centres, considerando o manifesto de Maggie Keswick Jencks, as diretrizes do briefing oficial e as soluções projetuais adotadas em diferentes unidades (2).

O trabalho também investiga conceitos das neurociências aplicadas à arquitetura, da psicologia ambiental e da arquitetura da cura, estabelecendo uma base teórica para o desenvolvimento de espaços sensíveis às emoções e necessidades humanas (3). Paralelamente, são estudadas as particularidades sociais, culturais, ambientais e urbanísticas de Florianópolis, com o objetivo de fundamentar uma proposta arquitetônica coerente com o contexto local (4).

Além disso, busca-se compreender as percepções, demandas e experiências de pacientes e profissionais da saúde em relação aos espaços de cuidado (5). A partir desse conjunto de análises, pretende-se definir diretrizes projetuais que priorizem acolhimento, bem-estar, autonomia, privacidade e conexão com a natureza, fundamentadas em referenciais teóricos e empíricos (6).

Por fim, o trabalho visa ao desenvolvimento de um projeto arquitetônico completo, abrangendo a definição do programa de necessidades, implantação, fluxos funcionais, estudos volumétricos, estratégias de conforto ambiental, escolha de materiais, linguagem arquitetônica e o detalhamento de espaços-chave (7).

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e aplicado, estruturada em três etapas interdependentes que articulam fundamentação teórica, investigação empírica e desenvolvimento projetual.

A primeira etapa consiste na fundamentação teórica e na construção da base conceitual do trabalho, por meio de revisão bibliográfica com foco em neurociências aplicadas à arquitetura, psicologia ambiental, arquitetura da cura, percepção espacial, conforto sensorial, humanização dos espaços de saúde e diretrizes dos Maggie's Centres. A partir desse referencial, são consolidados os parâmetros conceituais, sensoriais e simbólicos que orientam o desenvolvimento do projeto arquitetônico, atendendo aos objetivos específicos 1, 2 e 3.

metodologia

A segunda etapa corresponde à investigação empírica, baseada na escuta ativa de usuários e profissionais. São realizadas entrevistas semiestruturadas com pacientes oncológicos e profissionais da área da saúde, com o objetivo de compreender percepções, sensações e experiências vivenciadas nos ambientes de cuidado. Essa etapa busca identificar elementos espaciais que impactam o bem-estar e a experiência do adoecimento, contribuindo diretamente para o atendimento do objetivo específico 5.

Por fim, a terceira etapa refere-se à sistematização e aplicação dos dados obtidos na proposta arquitetônica. Nessa fase, são integradas as informações teóricas, empíricas e contextuais na formulação do partido arquitetônico, incluindo a análise urbana e a escolha do terreno, a definição do programa de necessidades, o desenvolvimento de fluxogramas, estudos volumétricos e a organização espacial, alinhados aos princípios da arquitetura da cura. Essa etapa contempla os objetivos específicos 4, 6 e 7.

conceitos para leitura de ambientes de cura

Antes do traço, vêm as perguntas. Na arquitetura do cuidado, a forma não nasce do acaso nem da repetição de soluções que “parecem funcionar”. Ela emerge de conceitos-guia capazes de transformar o ambiente em parte ativa do tratamento. São essas ideias estruturantes que dão sentido à luz que orienta, ao som que acalma, às vistas que aliviam, aos refúgios que protegem. Sem elas, o projeto corre o risco de ser decorativo; com elas, cada decisão se torna critério.

Na proposta projetual deste trabalho, um espaço de apoio ao lado do tratamento, essa necessidade é ainda mais aguda. É preciso nomear o que deve acontecer ali antes de qualquer volumetria: uma domesticidade que não banaliza a dor; gradações de intimidade que permitam estar só e estar junto; legibilidade que acolhe quem chega exausto; microcontroles que devolvem agência; paisagem que participa do cuidado, dentro e fora. Esses eixos, bem definidos, antecedem a linha e orientam o partido.

Os conceitos que seguem não são adereços teóricos; são instrumentos de verificação para que o edifício fale a língua do cuidado

daqui nasce a gramática do projeto: o ambiente como variável clínica e o desenho como ferramenta de enfrentamento.

psicologia ambiental: o porquê emocional

Investiga como pessoas e lugares se influenciam mutuamente, em dimensões físicas, sociais, históricas e culturais, e como essa relação dispara processos afetivos, cognitivos e psicofisiológicos relevantes ao cuidado em saúde (SILVEIRA; FELIPPE, 2019, cap. 2) Em contextos oncológicos, o estresse é entendido como resposta psicofisiológica a estressores (dor, incerteza, ruído), mobilizando recursos do organismo e da atenção (ULRICH et al., 1991). Nesse sentido, a leitura do ambiente desloca-se da dimensão meramente funcional para a compreensão de seus efeitos reguladores sobre a experiência humana. A partir desse enquadramento, três referenciais teóricos são mobilizados para aprofundar essa discussão.

teoria da restauração da atenção

(Attention Restoration Theory, ART - KAPLAN; KAPLAN, 1989; KAPLAN, 1995; KAPLAN; TALBOT, 1983)

Para a ART, a restauração ocorre quando a relação pessoa-ambiente reúne quatro propriedades: afastamento, um respiro em relação às demandas cotidianas; Fascinação, atenção sem esforço, frequentemente evocada por fenômenos naturais; Extensão, a sensação de coerência e alcance que convida a explorar; e Compatibilidade, quando o que a pessoa precisa coincide com o que o lugar permite.

teoria psicoevolucionista

Psychoevolutionary Theory, PET - ULRICH, 1984; ULRICH et al., 1991)

Compreende a recuperação do estresse como um processo que se inicia pré-cognitivamente: a percepção visual de certos traços ambientais aciona respostas afetivas rápidas que modulam o sistema nervoso autônomo, atenuando a ativação simpática e promovendo alívio em minutos (ULRICH, 1984; ULRICH et al., 1991). O ambiente é, assim, interpretado pelo organismo como seguro ou ameaçador antes da consciência. Quando predominam sinais de segurança, observam-se redução da tensão fisiológica e melhora do humor, favorecidas por organização e legibilidade espacial, ausência de pistas de ameaça e presença de natureza benigna, especialmente vegetação e água.

teoria do design de suporte

(ULRICH, 1991)

Estabelece que ambientes de saúde devem devolver controle, promover suporte social e oferecer distrações positivas, ao mesmo tempo que reduzem distrações negativas. No espaço, isso se materializa como microcontroles (cortinas/brises, janelas operáveis, dimmers), zonas de convivência com opção de retirada e desempenho acústico consistente - medidas simples, mas clinicamente relevantes.

o início da escuta

Os encontros tiveram início em um espaço escolhido não por idealização, mas por necessidade: a Casa de Apoio ao CEPON não comportava, de forma confortável, a reunião de todas. Ainda assim, o deslocamento não produziu distanciamento. Desde o primeiro momento, fui recebida com abertura e curiosidade, como alguém que chegava para ouvir, mas que precisava ser acolhida para que a escuta fosse possível.

O que começou como entrevista rapidamente se transformou em convivência. As falas não se limitaram às perguntas, e o tempo deixou de ser rigidamente marcado. Após as conversas iniciais, o gesto de oferecer um café da tarde, sentar à mesa e permanecer juntas estendeu o encontro para além do roteiro previsto. Nesse espaço compartilhado, as histórias ganharam outra densidade.

Ali, mais do que responder, elas me permitiram ouvir. Uma estranha foi recebida como quem pertence, ainda que provisoriamente, àquele círculo. Compartilharam comigo saberes construídos na experiência, vivências atravessadas pela doença e maneiras próprias de olhar a vida, o cuidado e o sofrimento. A escuta deixou de ser unilateral e passou a se constituir como troca - um gesto de confiança que revelou, desde o início, que falar sobre cuidado é também praticá-lo.

À medida que as conversas avançavam, tornava-se evidente que o adoecimento não se restringe ao corpo físico, atravessa a identidade de forma profunda. Em especial quando a doença deixa marcas visíveis - no rosto, na fala ou na forma de se expressar -, a exposição cotidiana ganha peso.

neurociências aplicadas à arquitetura

É o campo que, a partir de modelos e métricas do funcionamento cerebral e corporal, investiga como padrões sensoriais do espaço - luz, som, textura, geometria, vistas, odores e densidade social - modulam sistemas de atenção e emoção (SNA/HPA), produzindo mudanças mensuráveis em excitação, carga atencional e regulação afetiva. Em vez de tratar o ambiente como cenário, parte-se do princípio de que ele pode ser calibrado como qualquer variável de cuidado.

No nível perceptivo-cognitivo, espaços legíveis favorecem mapas mentais estáveis e diminuem esforço atencional, o que dialoga com a ART: fascinação suave, marcos e profundidades claras poupam “atenção dirigida”, preservando recursos para o enfrentamento do tratamento (KAPLAN; KAPLAN, 1989). Em situações de sofrimento psíquico, reduzir ambiguidade e oferecer pistas multisensoriais consistentes melhora a sensação de compreensibilidade, manejabilidade e significado - os três eixos salutogênicos do Sense of Coherence (GOLEMBIEWSKI, 2010; ANTONOVSKY, 1996).

arquitetura da cura: o espaço como cuidado

compreende o ambiente construído como um agente ativo de saúde, capaz de reduzir estressores, restaurar recursos cognitivos e

sustentar processos de cuidado. Opera como critério projetual, traduzindo evidências sobre estresse, atenção, suporte social e controle percebido em decisões espaciais verificáveis. Nessa perspectiva, o edifício deixa de ser pano de fundo e passa a integrar o tratamento, complementando práticas clínicas e tecnológicas (ULRICH, 1991; ULRICH et al., 1991).

Na prática, essa abordagem se materializa em uma gramática recorrente (EVANS; McCOY, 1998), marcada por legibilidade espacial, controle distribuído, suporte social não invasivo, modulação sensorial e estratégias de restauratividade, como vistas e jardins acessíveis. Quando articulados, esses elementos contribuem para a regulação emocional, a organização das escolhas e a qualidade das interações no ambiente de cuidado.

paisagismo e natureza como co-terapeutas

Quando a vida passa a girar em torno do tratamento, a natureza deixa de ser cenário e vira parceira de cuidado. Jardins, pátios, varandas e vistas para verde modulam estresse, atenção e humor; oferecem lugares para pausar, respirar e reencontrar conversa. Ou silêncio. Evidência é consistente. Pessoas tendem a preferir e a se recuperar melhor em cenários com vegetação - efeito observado tanto em estados afetivos quanto em marcadores fisiológicos (ULRICH, 1986).

Em experimentos controlados, a presença de água aumenta preferência, afeto positivo e restauratividade tanto em cenas naturais, quanto em pátios construídos. O pico de benefício ocorre na interface água-terra, onde o olhar encontra contraste e movimento (WHITE et al., 2010). Em avaliações pós-ocupação de jardins oncológicos pediátricos, acesso direto eleva o uso; privacidade determina se as janelas permanecem abertas (e, portanto, se as vistas terapêuticas se mantêm); elementos interativos aumentam o engajamento; a equipe utiliza o jardim sobretudo como passagem/pausa, indicando a necessidade de áreas discretas de staff (SHERMAN et al., 2005).

fecho: a gramática do cuidado

Do percurso, fica um imperativo: transformar intenção em critério e poética em método. Cada decisão precisa nascer do efeito que busca produzir - baixar o pulso, clarear o caminho, sustentar o encontro - e vir acompanhada da medida que a comprova. Só assim o desenho deixa de ser opinião e torna-se compromisso.

O compromisso é simples e rigoroso: prescrever espaço com a mesma seriedade com que se prescreve cuidado. A forma, então, deixa de ser um fim e passa a ser consequência dessa gramática. O resultado desejado é um edifício que ajuda a atravessar: menos ruído e cansaço, mais clareza e vínculo. Uma esperança operante inscrita no cotidiano.

Corredores cheios, salas de espera compartilhadas ambientes sem qualquer possibilidade de escolha ampliam o desconforto e silenciam aquilo que não encontra lugar para ser dito. Nesse contexto, surgia com frequência a necessidade de espaços onde fosse possível simplesmente estar. Lugares que não exigissem explicações, que permitissem respirar sem constrangimento e permanecer sem ser observado. Ambientes mais abertos, ventilados e protegidos apareciam, nas entrelinhas das narrativas, como territórios de resguardo - não como negação do tratamento, mas como condição para atravessá-lo com mais dignidade. O cuidado, nesses relatos, não se apresentava como ato isolado, mas como uma construção delicada entre corpo, espaço e possibilidade de escolha.

À medida que a convivência se aprofundava, tornava-se evidente que o cuidado, para elas, não se restringia ao tratamento ou à contenção da dor. Ele aparecia nos gestos simples, na forma como se escutavam, na naturalidade com que a doença era integrada à conversa sem ocupar todo o espaço. Havia ali um esforço coletivo - ainda que não declarado - de afirmar a vida para além do diagnóstico, permitindo que o riso, o cotidiano e as pequenas alegrias coexistissem com a experiência do adoecimento.

O que se revelava nessas trocas era uma outra maneira de estar diante da doença: menos centrada no corpo como problema e mais atenta à pessoa como totalidade. A conversa em torno da mesa, o café compartilhado e a ausência de pressa criavam um ambiente onde ninguém precisava se definir apenas pela condição clínica. Nesse contexto, falar sobre câncer não significava reduzir a experiência a ele, mas incluí-lo em uma vida que seguia sendo múltipla, afetiva e relacional.

Essa forma de cuidado, construída no encontro e na escuta mútua, aponta para a importância de espaços que sustentem a convivência sem hierarquia, a permanência sem obrigação e a troca sem constrangimento. Lugares onde seja possível estar junto sem roteiro fixo, escolher quando falar ou silenciar, e reconhecer-se no outro sem mediações institucionais. Mais do que respostas arquitetônicas imediatas, essas vivências revelam princípios éticos: cuidar é permitir que a vida continue acontecendo, mesmo em meio à doença.

trecho elaborado a partir das vivências com o Grupo Gama - autoria própria

modelo e atmosfera de cuidado

maggie's

Os Maggie's Centres tornaram-se uma referência internacional por reconhecerem a arquitetura como parte ativa do cuidado oncológico. Nascidos da experiência de Maggie Keswick Jencks e do olhar curatorial de Charles Jencks, esses centros oferecem um contraponto radical ao ambiente hospitalar: não tratam a doença. Amparam a pessoa que vive o adoecimento - e também quem a acompanha. Por isso, situam-se junto a grandes hospitais oncológicos, mas desempenham papéis complementares: ao hospital cabem diagnóstico e terapêutica; ao Maggie's, o apoio psicológico, social e prático diante do abalo que o câncer provoca na vida de pacientes e cuidadores

A escala, o tom e o ritmo são outros: domésticos, acolhedores, legíveis, capazes de devolver agência e dignidade quando tudo parece ter sido suspenso.

O brief oficial - manifesto que orienta seus projetos - enuncia de forma cristalina a ambição: edifícios e jardins que "ergam o ânimo" e ajudem as pessoas a encontrar "esperança, determinação e recursos" num momento de grande vulnerabilidade; lugares que convidem a entrar, com caminho legível, porta evidente e paisagem que já começa a aliviar o corpo antes mesmo do limiar. A casa aqui é "antítese do hospital": sem corredores intermináveis ou placas, mas com orientação intuitiva, clareza e calma. E, sobretudo, com um gesto de chegada que nunca intimida.

O acesso é descomplicado e humano: gratuito, sem encaminhamento, sem hora marcada - "é só entrar". Para quem precisa de distância, há acolhimento por telefone e suporte on-line; para quem vem do hospital ao lado, há um lugar imediatamente reconhecível, onde profissionais especializados em cuidado oncológico - psicólogos, enfermeiros, orientadores de benefícios, entre outros - trabalham com a força dos pares para transformar medo em informação, solidão em rede e incerteza em pequenas decisões possíveis. O Maggie's não concorre com a terapêutica: ele acompanha o tratamento, ajudando pessoas e famílias a recuperar um sentido de controle quando a vida parece ter sido sequestrada pelo diagnóstico.

No espaço, essa ética vira léxico: cozinha e mesa como coração social; salas de estar com diferentes graus de privacidade; ambientes de grupo para informação, relaxamento e oficinas; salas de aconselhamento silenciosas e com vistas; pequena biblioteca clara e acessível; sanitários discretos e generosos; e jardins que funcionam como extensão terapêutica do edifício. Não há balcão de recepção: há reconhecimento e convite. A materialidade é tátil, a luz é legível, os percursos são intuitivos - tudo para que entrar, permanecer e sair sejam ações simples, dignas e, quando possível, reparadoras.

Maggie's Manchester - Foster + Partners



"A diagnosis of cancer hits you like a punch in the stomach... No road. No compass. No map. No training... A one time, I could not sit or lie, or stand, listen or speak coherently because my shattered mind vibrated so violently through my body I felt I might disintegrate"

Maggie Keswick Jencks



Maggie's Aberdeen - Snøhetta

Embora cada centro seja único - de um "greenhouse linear" em Manchester (Foster + Partners) à clareza espacial e à escala doméstica de Leeds (Heatherwick Studio) da fluidez luminosa de West London (Rogers) ao abrigo orgânico de Aberdeen (Snøhetta) - a família tipológica é coesa: vinte e oito soluções sob um mesmo enredo, sempre combinando flexibilidade, domesticidade e presença artística para sustentar uma cura ampliada. A variedade formal não dilui o ethos; antes, demonstra que o cuidado pode assumir muitas formas sem perder o fio da esperança.

Maggie's West London - Rogers Stirk Harbour + Partners



Por fim, convém lembrar a frase que alinha filosofia e espaço:

"Maggie's is about empowering people to live with, through and beyond cancer by bringing together professional help, communities of support and building design to create exceptional centres for cancer care."

Maggie's Leeds - Heatherwick Studio



Essa é a medida do projeto: devolver controle e coragem por meio de escolhas pequenas (onde sentar, para onde olhar, quando falar) e de ambientes que acolhem sem infantilizar, protegem sem fechar, emocionam sem teatralizar. A arquitetura, aqui, não promete curar, mas dignifica o enfrentamento. E isso já é uma forma potente de cuidado.

a tectônica

Quando penso sobre o que significa projetar um espaço de acolhimento no Brasil - particularmente, no sul do país -, não consigo dissociar essa ideia da própria história da nossa arquitetura e das maneiras como habitamos. A arquitetura brasileira não é uma linguagem única, ela é um tecido híbrido, construído a partir de muitas mãos, de saberes que vieram dos povos originários, das influências coloniais, das diásporas africanas e, aqui, no sul, dos imigrantes europeus que, ao se depararem com um território novo, reinterpretam suas próprias arquiteturas. Isso constrói uma estética e, mais do que isso, uma ética do espaço - uma ética que fala de adaptação, de clima, de cultura, de território.

E talvez seja justamente essa condição que mais me interessa trazer para este projeto:

como traduzir esse Brasil sensível e plural em uma arquitetura que é, ao mesmo tempo, espaço de cuidado, de pertencimento e de escuta?

A materialidade tem um papel central nisso. Quando penso em madeira, penso em calor, memória, abrigo. Ela está nas casas das colônias do interior, nos galpões, nos detalhes dos móveis feitos à mão. Penso também no tijolo, na cerâmica, que moldam texturas, sombras, cheiros - matérias que são quase extensão do corpo e da paisagem.

A pedra, que ancora, que conecta com o chão, que transmite permanência. E também o barro, a terra - matérias ancestrais que carregam uma memória muito anterior à colonização, profundamente enraizada na relação entre corpo, território e abrigo.

Existe também uma inteligência climática que é muito própria daqui. No sul, o frio e a umidade tornam necessárias soluções que são, por natureza, acolhedoras: telhados generosos, beirais longos, espaços de transição como varandas, galerias e pátios que protegem, mas ao mesmo tempo permitem o olhar para fora, para a paisagem, para a luz, para a vida que pulsa além das paredes.

E mais do que a matéria, existe uma questão espacial que é absolutamente brasileira: o quintal, o pátio, a varanda, o espaço do entre - entre o dentro e o fora, entre o individual e o coletivo. São espaços que não existem apenas como funções, mas como lugares de vida, de encontro, de pausa. Lugares nos quais o tempo se dilata, onde o silêncio é possível, onde a conversa acontece sem ser formalizada.

Então me pergunto: como tudo isso se transforma em arquitetura de cuidado? Como criar um espaço que não seja apenas eficiente, bonito ou funcional, mas que ative memórias coletivas e individuais, que se conecte com quem somos, com o que é ser cuidado no nosso território? E como fazer isso sem romantizar, sem cair na estética da reprodução formal, mas

trabalhando a essência: a honestidade dos materiais, a sinceridade dos espaços, a generosidade das proporções, a relação real com o clima, com a paisagem, com os afetos?

Talvez a resposta esteja menos em formas definidas e mais na construção de atmosferas: a luz que filtra, o som do vento nas folhas, o cheiro da madeira, o calor da pedra ao sol, o percurso que alterna abertura e proteção. É sobre projetar não apenas para o corpo, mas para os sentidos, para as emoções, para aquilo que a palavra não dá conta. Nessa experiência sensível, a arquitetura revela sua capacidade de cuidado.

e o espaço

o local

A definição do local para implantação do centro de apoio oncológico foi orientada por critérios que equilibram as demandas funcionais do programa com as qualidades espaciais e sensoriais desejadas para o projeto:

funcionais

- Proximidade a hospital oncológico
- Entrada evidente e legível
- Dimensão e topografia adequadas
- Acessibilidade multimodal

urbanos e ambientais

- Inserção institucional ou comunitária
- Presença de vegetação existente
- Relação com a rede verde
- Mitigação de impactos urbanos

simbólicos e afetivos

- Papel de limiar
- Diversidade de experiências
- Vistas significativas
- Pertencimento comunitário

A leitura ampliada da rede de saúde de Florianópolis, considerando todas as unidades existentes e com enfoque na região central, evidenciou que apenas o Hospital Universitário (HU) e o CEPON apresentam interface direta com o atendimento oncológico. Entre essas duas possibilidades, o CEPON se consolida como referência regional especializada no tratamento do câncer, o que fundamenta a adoção de sua área de influência como critério prioritário para a implantação do Maggie's Centre.



escolha e análise do terreno

À luz dos critérios estabelecidos, a escolha do terreno se justifica por sua capacidade singular de responder, de forma integrada, às dimensões funcionais, urbanas, ambientais, simbólicas e afetivas que orientam a implantação de um Maggie's Centre.

Do ponto de vista funcional, sua localização imediatamente ao lado do CEPON assegura a proximidade necessária entre os dois equipamentos, permitindo que o centro seja acessado de maneira espontânea por pacientes e familiares nos intervalos entre consultas ou tratamentos. A chegada, embora atualmente ocorra por meio de um estacionamento, apresenta-se clara e intuitiva, podendo ser ressignificada como um percurso acolhedor que transforma um acesso marcado pela lógica hospitalar em uma experiência doméstica, convidativa e legível.

No plano urbano e ambiental, a inserção em zona institucional reforça a legitimidade da implantação e favorece a integração com a comunidade. O entorno é consolidado e bem servido por infraestrutura urbana e transporte público, com paradas próximas tanto na Rodovia Admar Gonzaga quanto na Rua Pacheco da Costa, garantindo acessibilidade multimodal. Paralelamente, o terreno estabelece continuidade visual e ecológica com uma rede verde mais ampla, conectando-se ao Jardim Botânico e ao Manguezal do Itacorubi. A vegetação densa existente apresenta potencial para atuar como membrana de silêncio, frescor



e contemplação, além de funcionar como barreira acústica em relação à via expressa e suporte para a criação de jardins terapêuticos e clareiras de permanência.

Em sua dimensão simbólica e afetiva, o terreno cumpre com precisão o papel de limiar entre o mundo hospitalar e o universo doméstico do Maggie's. Sua posição frontal ao hospital reforça o princípio da "porta evidente" presente no briefing, potencializando o gesto de atravessar um limite não apenas físico, mas também emocional: sair do espaço do diagnóstico e do tratamento para ingressar em um lugar de cuidado subjetivo, conversa e acolhimento. As gradações de privacidade, as vistas controladas para o verde e para o céu e a possibilidade de abertura de clareiras de luz favorecem momentos de contemplação e conexão sensível, em consonância com evidências de que cenários naturais contribuem para a redução do estresse e para a sustentação da esperança em contextos de vulnerabilidade.

Assim, o terreno reúne condições excepcionais para receber o Maggie's Centre, articulando clareza funcional, integração urbana e ecológica e potência simbólica e afetiva, e fazendo da transição hospital-Maggie's uma experiência espacial capaz de traduzir, em arquitetura, a continuidade do cuidado.

análise urbana do entorno

A leitura urbana do entorno parte da compreensão da rede de apoio existente ao tratamento oncológico em Florianópolis. O mapeamento da distância entre o CEPON e sua atual Casa de Apoio evidencia um deslocamento aproximado de 6,9 km, percurso que exige tempo, esforço físico e dependência de transporte justamente em momentos de maior fragilidade de pacientes e acompanhantes. Esse dado explicita a lacuna espacial entre o tratamento clínico e os espaços de acolhimento não hospitalares, reforçando a pertinência de uma infraestrutura de cuidado complementar implantada no próprio território hospitalar, capaz de reduzir deslocamentos e minimizar a dependência da estrutura urbana existente.

Nesse contexto, a análise urbana do entorno do terreno busca compreender de que modo sua inserção territorial, acessos, usos, estrutura verde e infraestrutura disponível podem sustentar a implantação de um Maggie's Centre como extensão sensível do cuidado oncológico, articulada diretamente ao CEPON.



estrutura viária e transporte

O terreno localiza-se ao lado do CEPON, com acesso direto à Rodovia Admar Gonzaga (SC-404), eixo de escala metropolitana caracterizado por intenso fluxo veicular e configuração de via expressa. Essa condição garante alta visibilidade regional e facilidade de acesso por automóvel e transporte coletivo, mas impõe barreiras físicas à travessia de pedestres e à construção de percursos caminháveis e humanizados. Tal configuração evidencia os limites do entorno imediato como espaço urbano de permanência e reforça a adequação de implantar o Maggie's Centre dentro ou imediatamente associado ao complexo hospitalar, onde os percursos podem ser controlados, seguros e acolhedores, independentemente da lógica viária metropolitana.

diagnóstico e contexto local

Em contraponto, a Rua Pacheco da Costa opera em escala local, conectando o hospital ao bairro de forma mais tranquila, ainda que com infraestrutura viária limitada. A presença de pontos de ônibus tanto na rodovia quanto na rua lateral assegura acessibilidade ao transporte público; contudo, o deslocamento a pé entre as paradas e o hospital apresenta fragilidades, como calçadas descontínuas e condições reduzidas de conforto e segurança, reforçando a necessidade de minimizar percursos externos ao território hospitalar.



rede verde e ecologia urbana

O terreno insere-se em uma rede de áreas verdes de elevada relevância ecológica. Ao sul e sudoeste localizam-se o Jardim Botânico e o Manguezal do Itacorubi, enquanto a vegetação existente no próprio terreno atua como elo de conexão entre esses fragmentos. Essa condição amplia o potencial de inserção do Maggie's Centre em um corredor ecológico local, fortalecendo sua vocação para a criação de percursos restauradores e espaços de permanência associados à paisagem natural.

Além de sua dimensão ecológica, a vegetação exerce papel ambiental direto no contexto hospitalar, funcionando como barreira acústica e visual em relação à rodovia, reguladora de microclimas e suporte físico para a implantação de jardins terapêuticos e áreas de contemplação. Nesse sentido, a presença da mata não apenas qualifica o projeto, mas contribui para a mitigação das fragilidades urbanas do entorno imediato.



usos do entorno

O entorno imediato é marcado pela predominância de usos institucionais, como o próprio CEPON, a CONCAP, o cemitério municipal e o Jardim Botânico, além de estruturas de apoio associadas ao hospital. Em frente ao CEPON, a presença de uma farmácia e de um posto de combustíveis configura uma oferta de serviços pontuais, pouco relacionada ao uso cotidiano ou à permanência prolongada. Nas áreas adjacentes, observa-se ocupação residencial de média e alta densidade, acompanhada de serviços dispersos de bairro.

Esse conjunto conforma um tecido urbano funcional, porém com baixa vitalidade pedonal no entorno imediato, decorrente da ausência de uma malha comercial contínua e da predominância de grandes equipamentos institucionais. Tal condição reforça a importância de que o Maggie's Centre não dependa da ativação urbana externa, mas se configure como uma infraestrutura autônoma de acolhimento, integrada ao hospital e capaz de oferecer suporte direto aos usuários sem exigir deslocamentos adicionais.

infraestrutura disponível

O bairro dispõe de infraestrutura técnica consolidada, com redes de água, energia elétrica, esgotamento sanitário e transporte público acessível. No entanto, do ponto de vista

do suporte cotidiano a pacientes e acompanhantes, observam-se lacunas significativas, como a ausência de mercados, padarias e restaurantes de bairro nas proximidades imediatas. Muitas necessidades diárias dependem, assim, de deslocamentos motorizados ou de transporte coletivo.

O caráter de via expressa da Rodovia Admar Gonzaga intensifica esse isolamento, limitando a experiência de rua e a vitalidade de comércio de proximidade. Longe de representar um impedimento à implantação, essa condição evidencia a necessidade de concentrar funções de acolhimento, pausa e suporte emocional no interior do território hospitalar. Nesse cenário, o Maggie's Centre assume papel estratégico ao oferecer espaços de convivência, descanso e apoio emocional que o hospital, por sua natureza técnica e institucional, não é capaz de suprir.



o processo

O briefing oficial dos Maggie's Centres e as diretrizes projetuais aqui reunidos orientam o desenvolvimento do trabalho e explicitam as intenções que fundamentam a concepção arquitetônica. Parte-se da proposição de um espaço de apoio ao paciente oncológico que, situado nas proximidades do hospital, se vincula ao cuidado não pelo viés clínico, mas pelo acolhimento humano e pela experiência espacial.

Mais do que requisitos funcionais, essas diretrizes constituem princípios que traduzem em arquitetura valores como acolhimento, privacidade, encontro e esperança. Nesse entendimento, a arquitetura assume um papel ativo no processo de cuidado, manifestando-se como paisagem que inspira, interiores que convidam e uma escala capaz de devolver ao indivíduo a percepção de dignidade e humanidade ao longo do percurso da doença.

Assim, as orientações apresentadas não devem ser lidas como uma listagem técnica isolada, mas como um alicerce conceitual que sustenta o projeto, articulando pesquisa, lugar e experiência sensível em um mesmo gesto arquitetônico.

briefing

O briefing dos Maggie's Centres orienta a concepção a partir de uma chegada clara e acolhedora, na qual o percurso ajardinado atua como primeiro gesto de descompressão em relação ao hospital. A entrada estabelece uma transição sensível para uma atmosfera doméstica e protetora.

A cozinha configura-se como o coração social do edifício, organizada em torno de uma grande mesa e de uma ilha para atividades coletivas. A partir desse núcleo, distribuem-se três salas de estar com diferentes escalas e atmosferas, permitindo múltiplas formas de encontro, permanência e recolhimento. O programa inclui dois consultórios acusticamente protegidos, um deles com maca, sempre orientados para o verde, além de um espaço de retiro individual e sanitários generosos, concebidos para garantir privacidade em momentos de vulnerabilidade.

A biblioteca integra-se ao espaço de chegada como área de pausa e silêncio, enquanto jardins e pátios são tratados como extensões programáticas do edifício. Em consonância com o ethos Maggie's, o conjunto assume caráter declaradamente doméstico e não institucional, sem balcão de recepção ou corredores convencionais, afirmando-se como uma arquitetura reconhecível, acolhedora e portadora de esperança.

diretrizes projetuais

implantação e relação com o entorno

- Integração com CEPON: proximidade imediata ao hospital, com percurso de transição que demarque a passagem hospital → santuário afetivo [briefing + análise de terreno].
- Percurso de descompressão: caminho meândrico, sombreado por vegetação, com bancos de pausa [arquitetos + Ulrich].
- Entrada evidente: marcada por gesto arquitetônico acolhedor [briefing].
- Proteção contra via expressa: barreiras vegetais e volumes de apoio para reduzir ruído da Admar Gonzaga [análise urbana].
- Rede verde maior: diálogo com Jardim Botânico e manguezal do Itacorubi, reforçando a vocação ecológica [análise urbana].
- Uso de clareiras: ambientes principais implantados em áreas já abertas, preservando mata como membrana de silêncio e frescor [análise de terreno].

estrutura espacial e hierarquia

- Hierarquia de privacidade: clara transição público → semi → privado.
- Planta aberta: circulação integrada, sem corredores institucionais [briefing].
- Percurso legível: entrada meândrica, pausas e momentos de respiro [arquitetos].

- Flexibilidade: portas de correr, painéis pivotantes, divisórias móveis [briefing + arquitetos].
- Vistas enquadradas: para vegetação, céu ou pátio em todos os ambientes [Ulrich].
- Microcontroles: janelas operáveis, brises, cortinas, dimmers [Ulrich - supportive design].

atmosfera, materialidade e conforto

- Domesticidade digna: reconhecimento da gravidade da experiência [briefing].
- Materiais táteis e honestos: madeira, pedra, cerâmica, barro, remetendo à cultura local [referências brasileiras].
- Luz natural abundante: claraboias em áreas íntimas, filtros vegetais para privacidade [neurociência aplicada].
- Acústica controlada: consultórios e retiro protegidos; áreas sociais com ruído difuso [Ulrich].
- Paisagem co-terapêutica: jardins com espécies nativas e complementares, presença de água em movimento, hortas comunitárias, percursos arborizados [Ulrich + Sherman].

dimensão simbólica e cultural

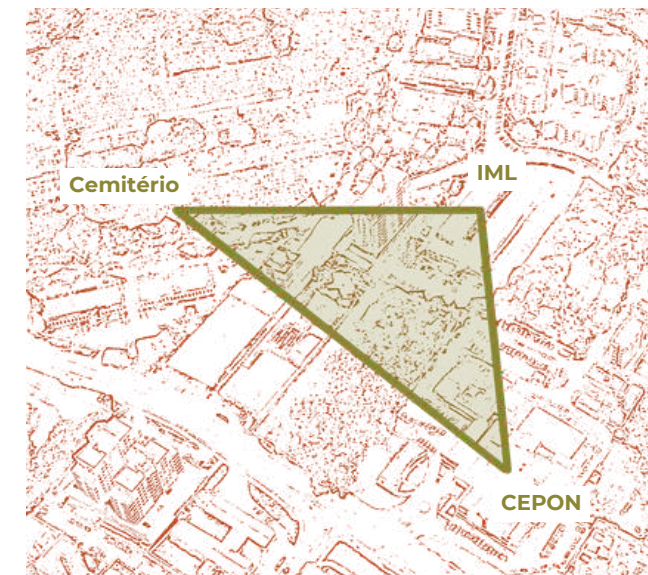
- Santuário afetivo: edifício como gesto de esperança, sem monumentalidade [briefing].
- Pertencimento comunitário: reconhecido como "seu Maggie's" pela população local [briefing].
- Brasilidade sensível: pátios, varandas, beirais, quintais, materiais naturais [referências culturais].
- Devolução de agência: espaço que permite escolher onde sentar, para onde olhar, quando se recolher [Ulrich - supportive design + briefing].

conceito arquitetônico

“Santuário afetivo em meio à natureza. Utilizando da materialidade e altimetria como tradução de hierarquia espacial, junto da sensibilidade do tecido híbrido brasileiro traduzido em escolhas projetuais como forma de pertencimento e acolhimento.”

tecido híbrido brasileiro como matriz cultural

A ética espacial do tecido híbrido brasileiro, sensível e plural, orienta o projeto por meio de escolhas que valorizam a convivência, a transição e a abertura. A arquitetura se constrói a partir da permeabilidade entre dentro e fora, da informalidade dos encontros e da criação de atmosferas acolhedoras, nas quais o cuidado se manifesta de forma cotidiana e compartilhada.



a “tríade poética”

Implantado entre o hospital oncológico, o IML e o cemitério, o Maggie’s Centre ocupa um território liminar entre tratamento, finitude e vida. Essa condição confere ao projeto uma dimensão poética e ética singular, na qual a arquitetura atua como espaço de mediação, acolhendo a experiência do adoecimento sem negar sua complexidade e afirmando o cuidado como gesto humano e presente.

ambiente como variável clínica

O projeto parte do entendimento de que o ambiente construído atua como um dispositivo terapêutico paralelo ao tratamento médico. Não como metáfora, mas como variável clínica indireta, capaz de modular estresse, atenção, autonomia, privacidade e esperança - operando em simbiose com o cuidado hospitalar, sem competir com ele. Aqui, arquitetura, luz, materialidade e paisagem não são suporte, são instrumentos ativos de cuidado.

hierarquia espacial como tradução do estado emocional

O projeto se estrutura em camadas de público, semi-privado e privado, permitindo que o usuário regule sua própria exposição ao longo do percurso. Essa hierarquia se constrói a partir dos níveis do terreno e da materialidade, e é acompanhada pela luz natural, que orienta e qualifica cada ambiente. Nada é abrupto. Tudo é transição.

simbiose com a natureza

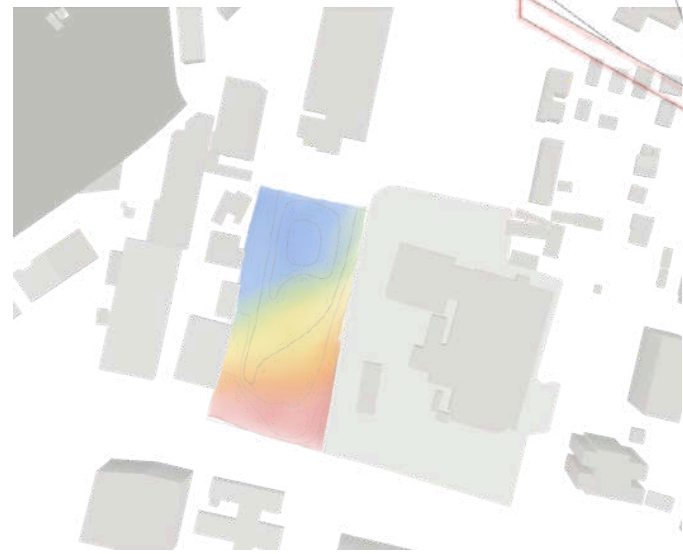
A natureza aparece como infraestrutura viva de cuidado. Vegetação, topografia, água, vento e sombra atuam junto da arquitetura. A arquitetura não se impõe à paisagem - ela se acomoda, se infiltra, se deixa atravessar.

“These places should look as if they are acknowledging what people are going through, saluting the magnitude of the challenge they are facing and themselves rising to the challenge of trying to help. They should be beautiful..”

Maggie’s Architectural and Landscape Brief

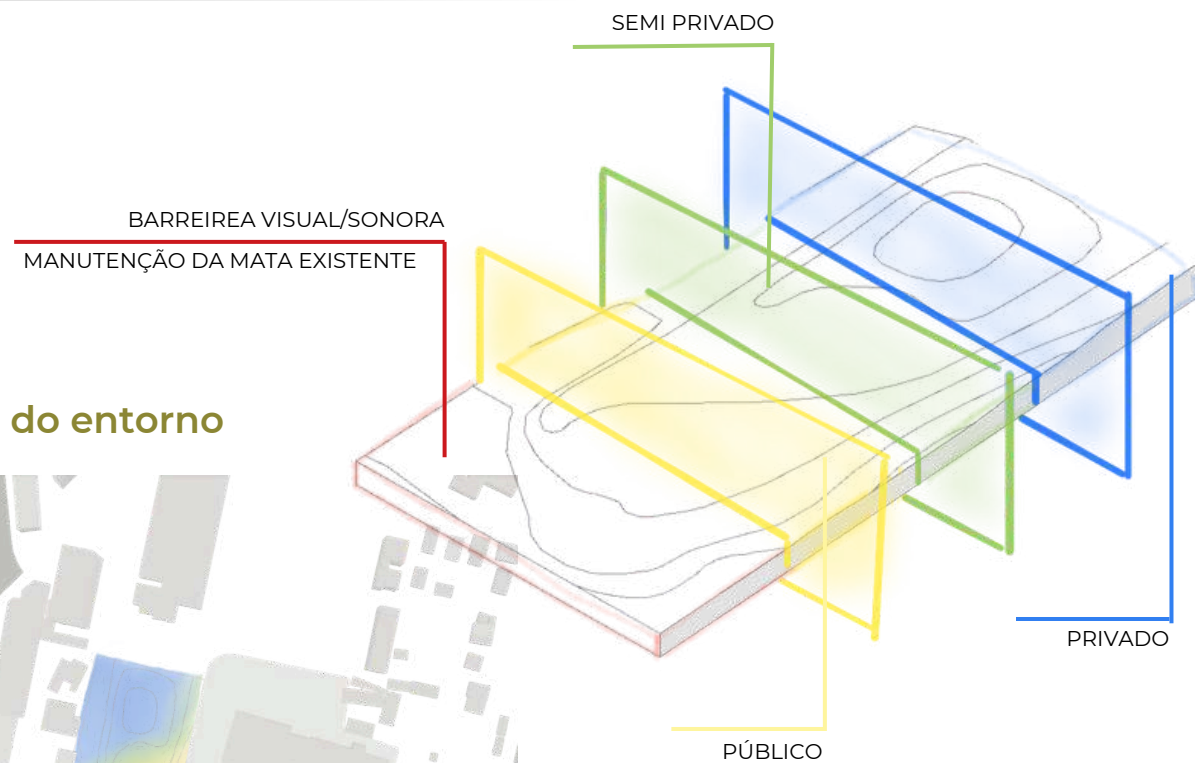
fluxograma e

tensões do entorno

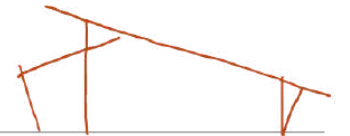


Nasce da leitura das forças que atravessam o terreno — ruído, movimento, velocidade e fluxos urbanos — e que configuram a presença constante do mundo exterior. Ao explicitar essas tensões, o esquema permite compreender como o lugar se organiza entre áreas de maior pressão e zonas progressivamente mais protegidas.

Essa leitura orienta decisões fundamentais do projeto, definindo percursos, implantação e hierarquia espacial a partir dos gradientes de resguardo possíveis. Assim, a arquitetura se estrutura como resposta direta às condições do entorno, construindo um território de transição onde o santuário se afirma não por isolamento, mas por cuidado e mediação.



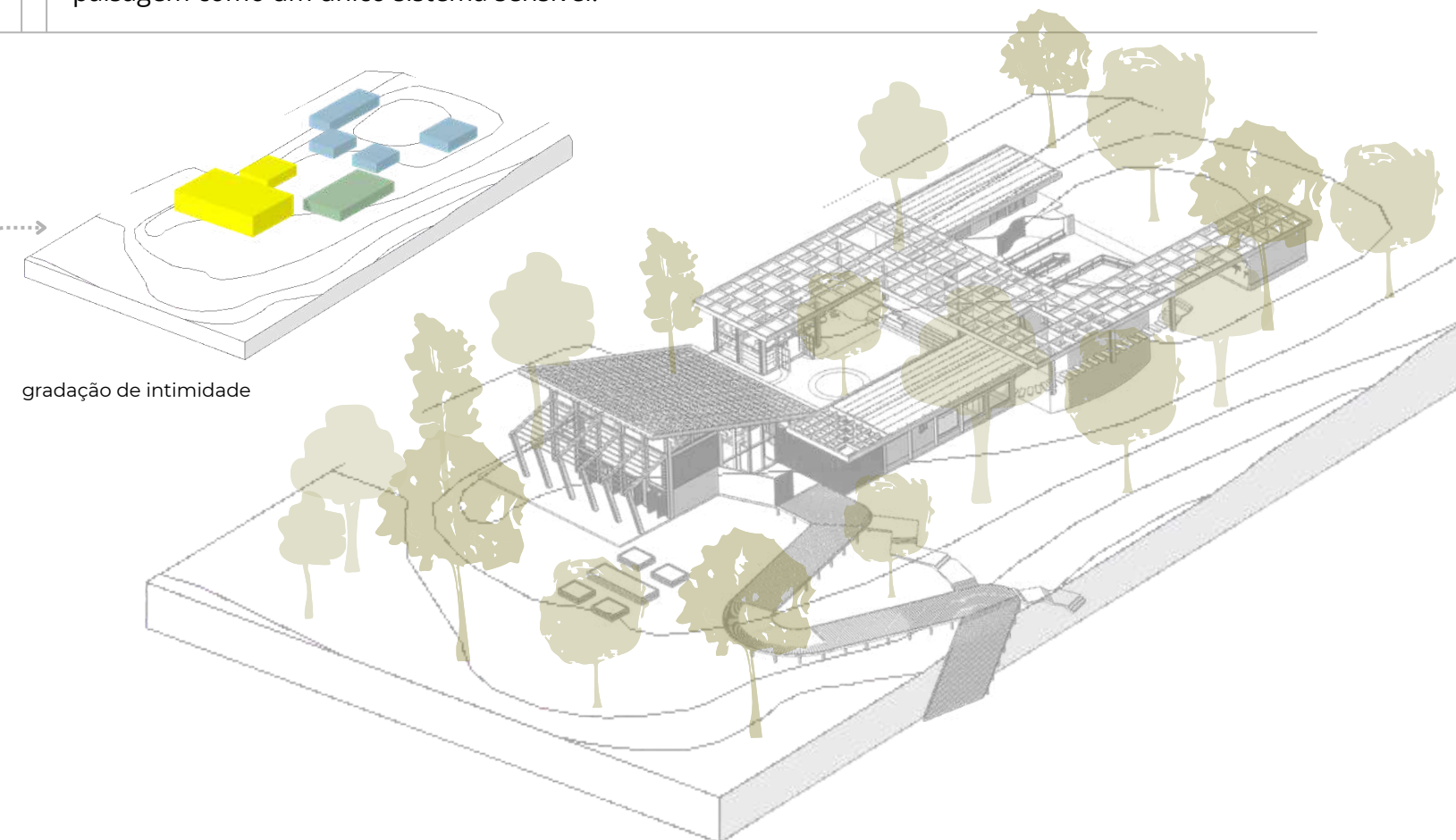
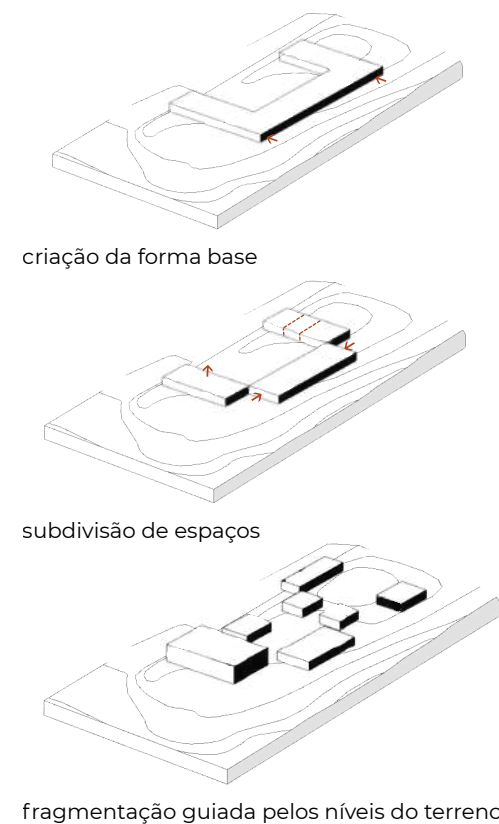
esquemas funcionais



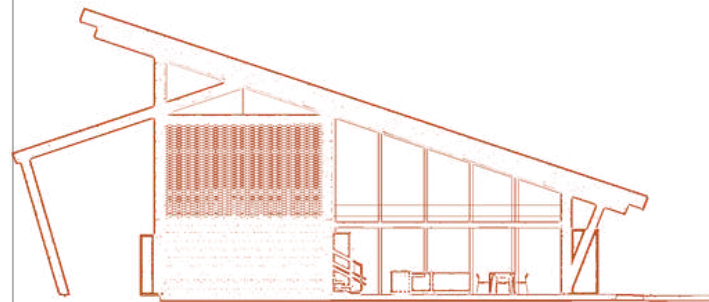
A implantação do projeto resulta da leitura cuidadosa do terreno e de suas tensões, buscando construir um espaço de acolhimento que se proteja do mundo exterior sem se isolar dele. O edifício se posiciona de forma a mediar a relação entre o CEPON e o entorno imediato, assumindo o papel de limiar entre a lógica hospitalar e um território de cuidado não clínico.

A ocupação respeita a topografia e a vegetação existente, evitando grandes movimentações de terra e permitindo que os desníveis naturais orientem a organização espacial e a hierarquia dos ambientes. A edificação se fragmenta e se acomoda ao relevo, criando pátios, varandas e áreas de transição que filtram ruídos, controlam vistas e constroem percursos de desaceleração.

A orientação do conjunto prioriza as áreas mais protegidas do terreno para os espaços de maior recolhimento, enquanto os ambientes de uso coletivo se aproximam das zonas de acesso e chegada, sempre mediadas por filtros físicos e vegetais. Dessa forma, a implantação traduz em forma construída os gradientes de resguardo identificados na análise do entorno, articulando arquitetura e paisagem como um único sistema sensível.



a proposta



um maggie's para chamar de nosso...

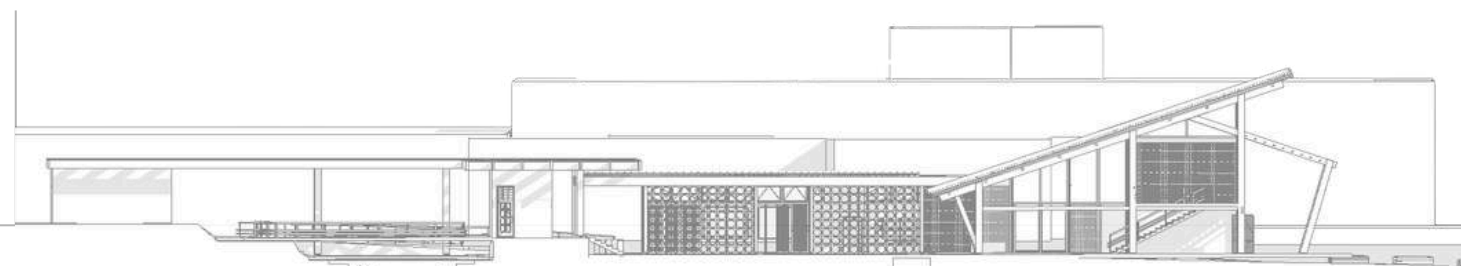


Este projeto nasce do acúmulo de escutas, vivências e afetos reunidos ao longo do percurso de pesquisa. Palavras, memórias e experiências sensíveis foram, pouco a pouco, se transformando em decisões espaciais, até encontrarem forma construída.

Um Maggie's para chamar de nosso não se propõe como objeto isolado, mas como lugar de acolhimento contínuo, onde arquitetura, paisagem e vida cotidiana se entrelaçam para sustentar o cuidado. O que se apresenta a seguir é a materialização desse caminho - um espaço pensado para ser vivido, compartilhado e habitado com dignidade.



o conjunto



CORTE LONGITUDINAL



PLANTA BAIXA GERAL

ESPAÇOS PÚBLICOS

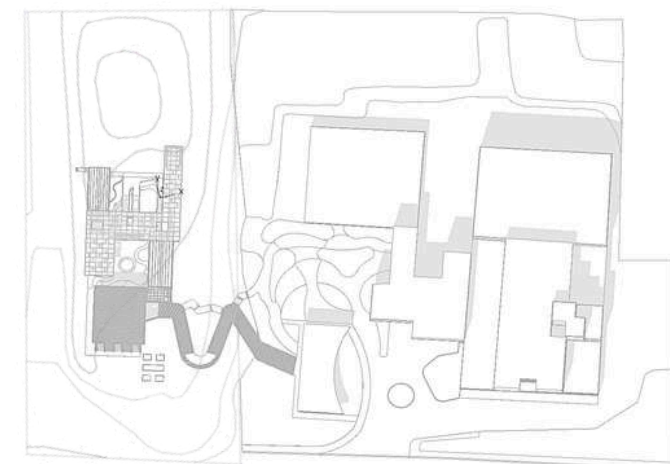
- 01 entrada (pause space)
- 02 cozinha
- 03 sala 01 - grande
- 04 estar
- 05 pátio central
- 06 ateliê
- 07 deck
- 08 jardim de plantas medicinais

ESPAÇOS SEMI-PRIVATIVOS

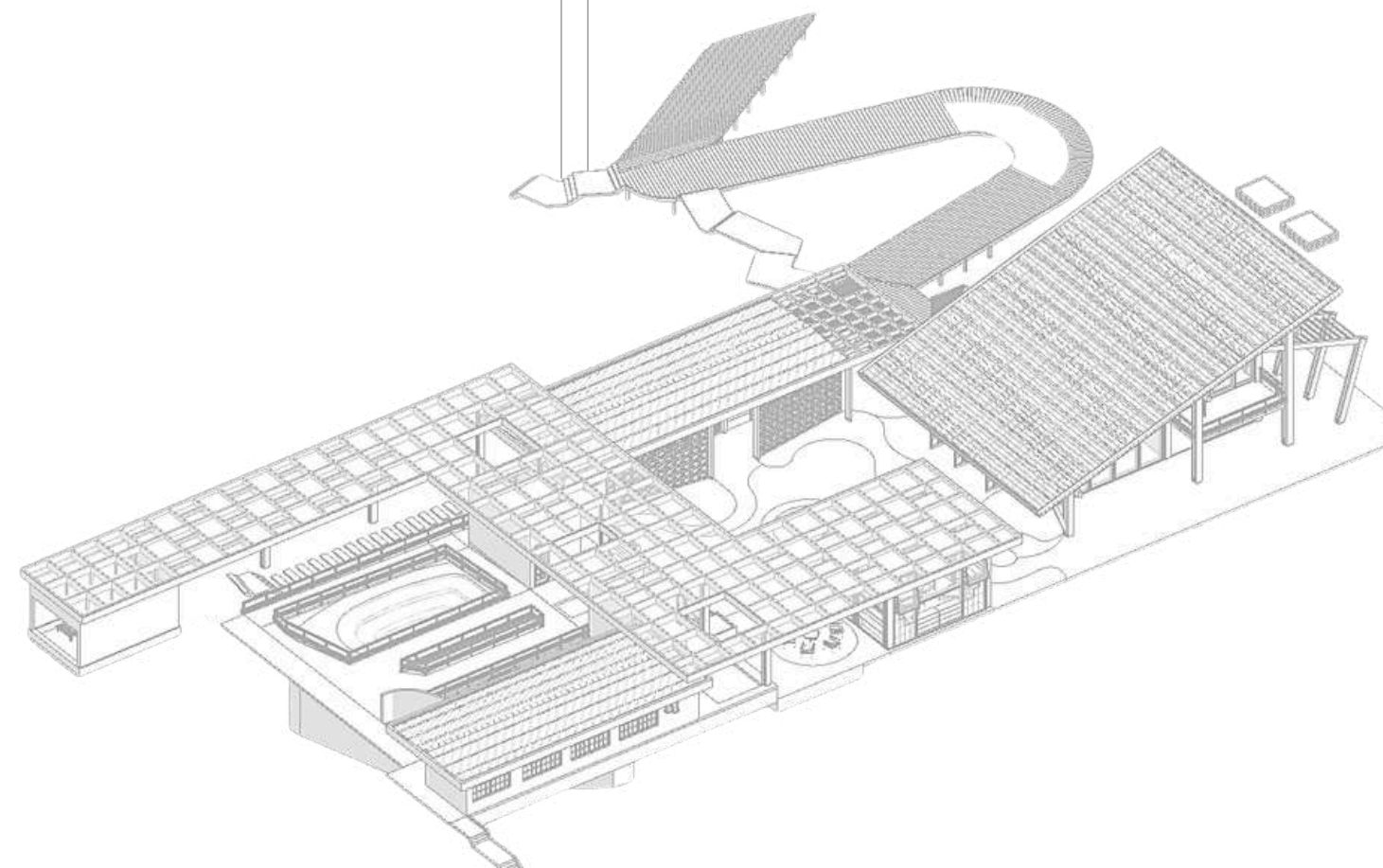
- 01 leitura e descanso
- 02 biblioteca
- 03 banheiro pcd
- 04 sala 02 - média
- 05 sala 03 - pequena

ESPAÇOS PRIVATIVOS

- 01 consultório 01
- 02 consultório 02
- 03 banheiro
- 04 retreat (quartos de descanso)
- 05 centro de oração
- 06 laguinho



IMPLANTAÇÃO



**configuração
geométrica**



elevação oeste



elevação sul



elevação leste

a chegada



imagens do local nos dias de hoje - autoria própria



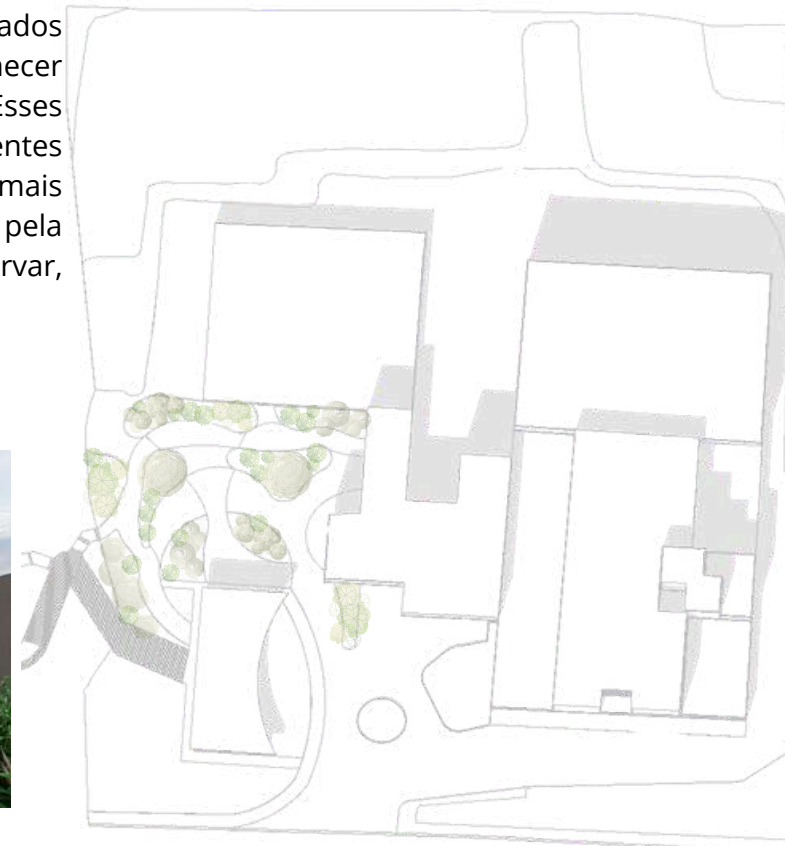
O espaço do entre como primeiro cuidado

A chegada ao Maggie's não se dá de forma imediata. Ela começa ainda no território do CEPON.

O espaço do entre é organizado como território de transição, evitando tanto a rigidez do urbano quanto a imersão imediata na mata. Ele se constrói precisamente nesse meio-termo, onde a passagem entre dois mundos acontece de forma gradual e sensível. A proposta reconhece que o cuidado começa antes do edifício, no modo como o corpo é conduzido, desacelerado e preparado para a experiência do acolhimento. Esse percurso guia a pessoa por meio de caminhos contínuos e variações sutis de piso, introduzindo diferenças táteis e espaciais que orientam o caminhar sem impor direção.

O trajeto conduz até um gramado já existente no terreno, compreendido como uma porta simbólica de entrada para o caminho do Maggie's - um espaço de respiro que marca a transição definitiva entre o ambiente hospitalar e o santuário afetivo.

Na área onde hoje se localiza o estacionamento do CEPON, o projeto propõe a inserção de espaços de estar e descanso, destinados àqueles que desejam permanecer temporariamente entre os dois universos. Esses espaços acolhem acompanhantes de pacientes e visitantes que buscam espera mais confortável, aberta e menos carregada pela lógica hospitalar, permitindo observar, descansar ou simplesmente estar.

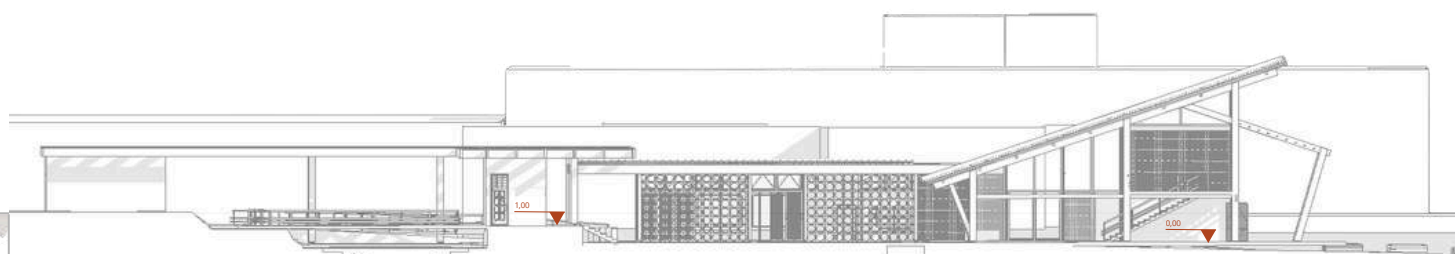
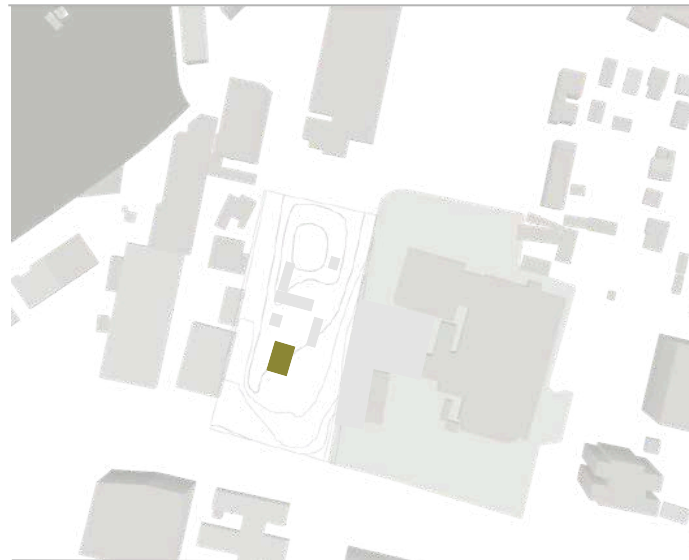


PLANTA BAIXA ESPAÇO DO ENTRE

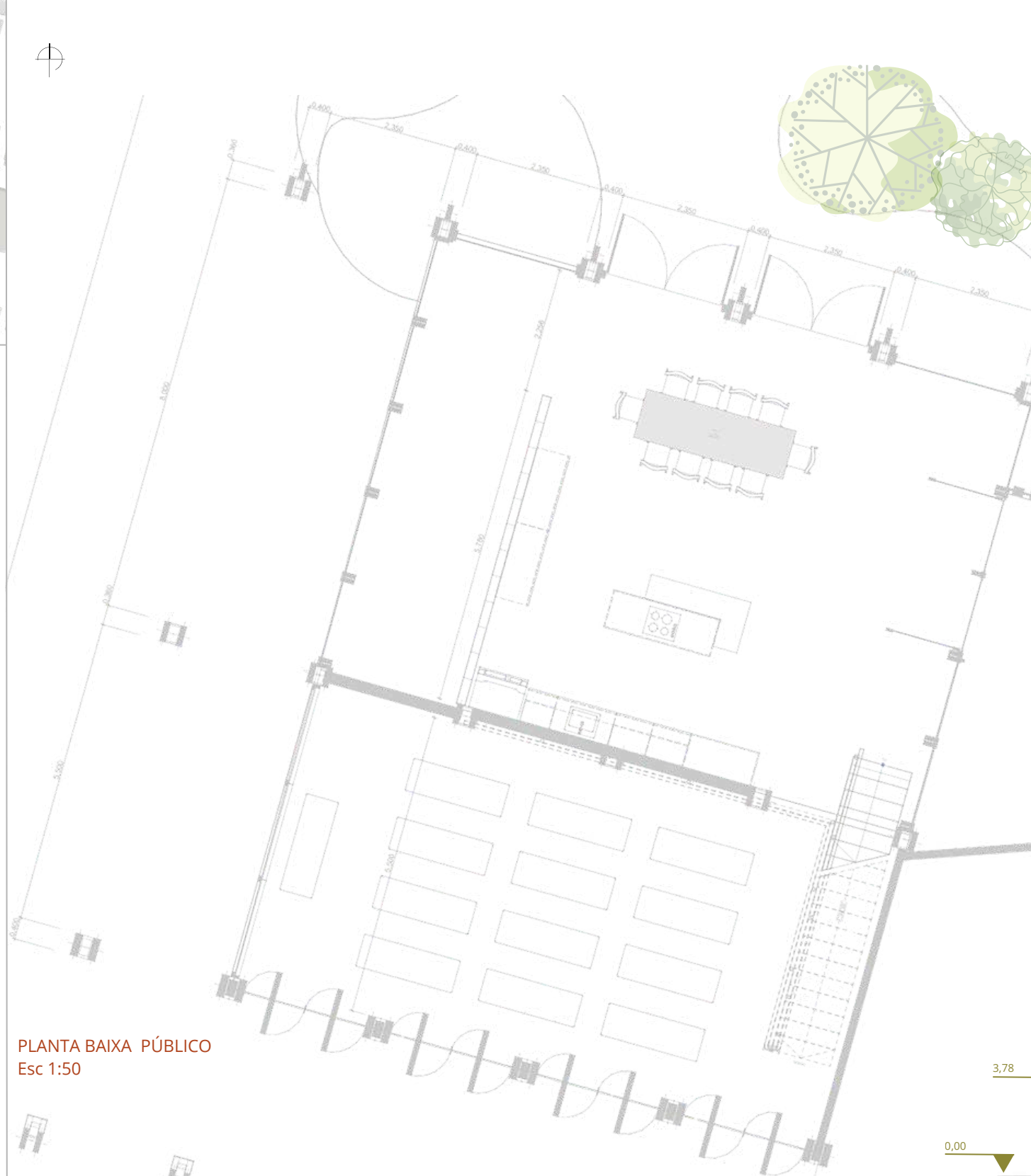


À medida que se avança pelo percurso, a presença da natureza se intensifica. A vegetação se adensa, o ruído se dissipa e o ambiente se torna progressivamente mais silencioso e protegido. A rampa de acesso ao Maggie's, desenhada como caminho exploratório, acompanha esse aumento gradual do contato com o natural, conduzindo o corpo e a percepção até a entrada do edifício. Esse movimento não apenas leva ao Maggie's, mas prepara o visitante para atravessar o limiar e adentrar o santuário afetivo.

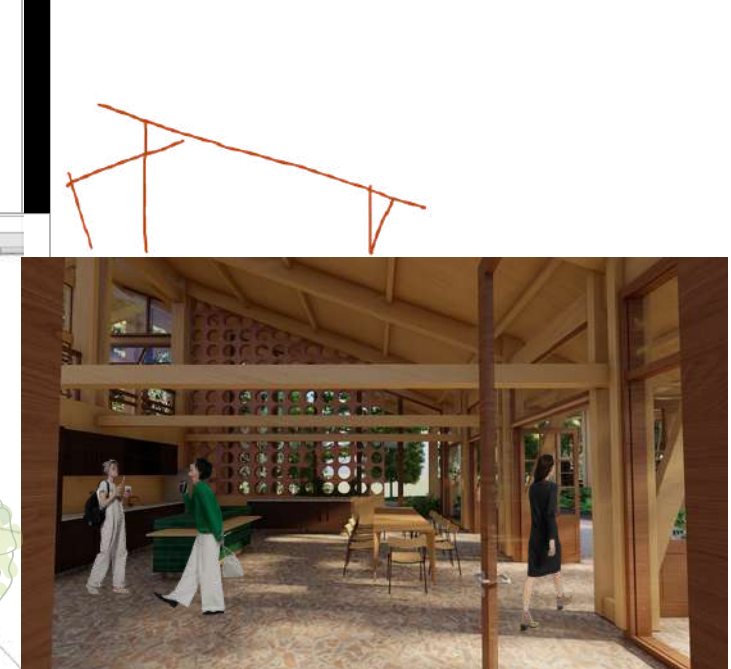
o gesto central



CORTE LONGITUDINAL



PLANTA BAIXA PÚBLICO
Esc 1:50



a cozinha como coração central

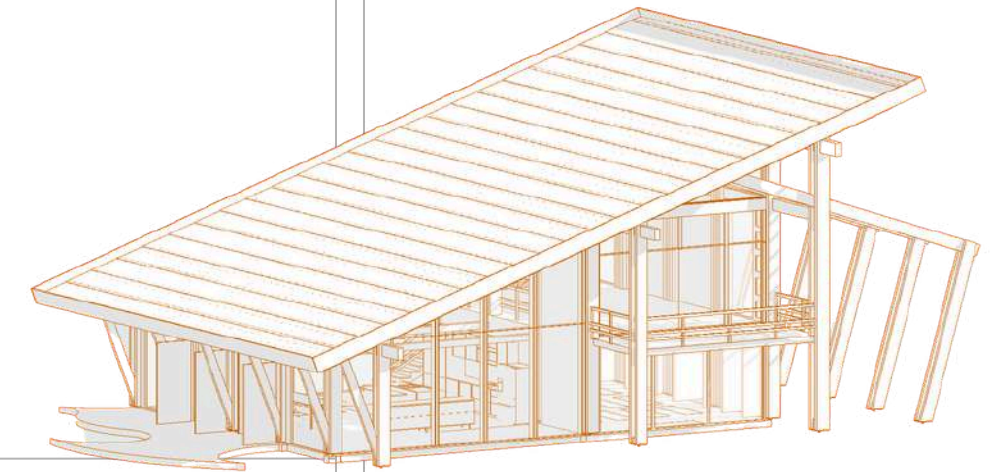
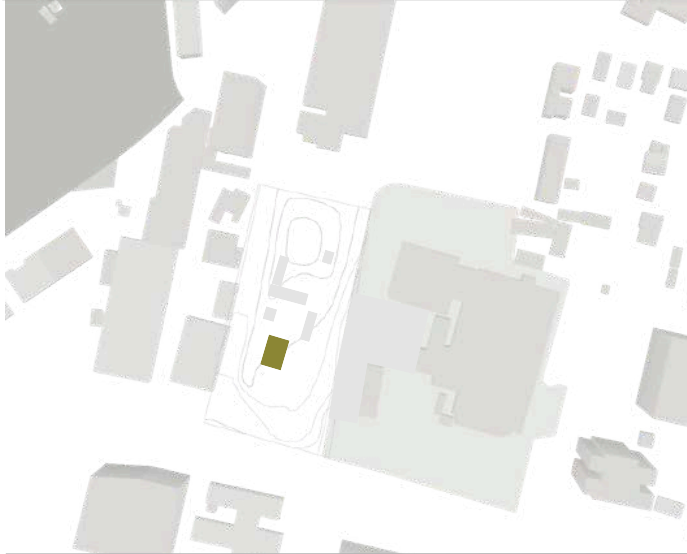
O edifício principal é marcado por uma grande cobertura inclinada, com 20% de caimento, que se estende sobre o conjunto, rompendo com a horizontalidade das edificações vizinhas, como o próprio CEPON. Esse gesto não é apenas formal, mas uma afirmação de um território distinto: não clínico, não institucional, mas acolhedor e próximo à natureza.

A variação de alturas - de 3,30 m a 10,50 m - qualifica os espaços internos, criando amplitude e permitindo ventilação natural sem perder o caráter doméstico. A cobertura generosa também permite que a luz entre livremente, ampliando a sensação de abertura.

A cozinha, posicionada no centro, é inteiramente envidraçada, conectando-se ao exterior e ao pátio central. Essa transparência promove a continuidade entre os ambientes internos e a paisagem ao redor, permitindo que o espaço se viva de forma fluida, sem barreiras.

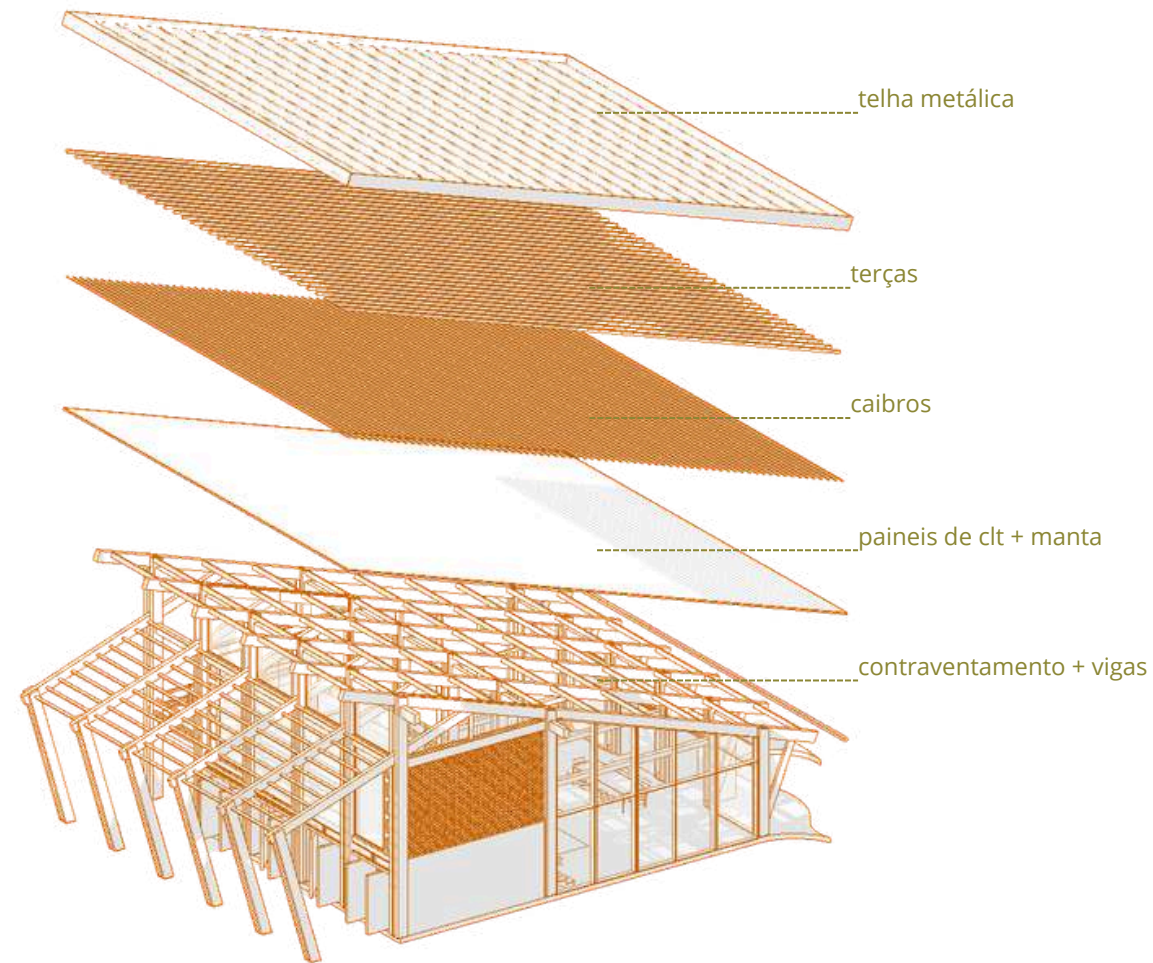
A sala maior, ao lado da cozinha, acomoda atividades coletivas como workshops e encontros. Acima dela, o mezanino abriga o escritório, posicionado de forma estratégica para acompanhar o cotidiano do edifício, sem a necessidade de recepção formal.



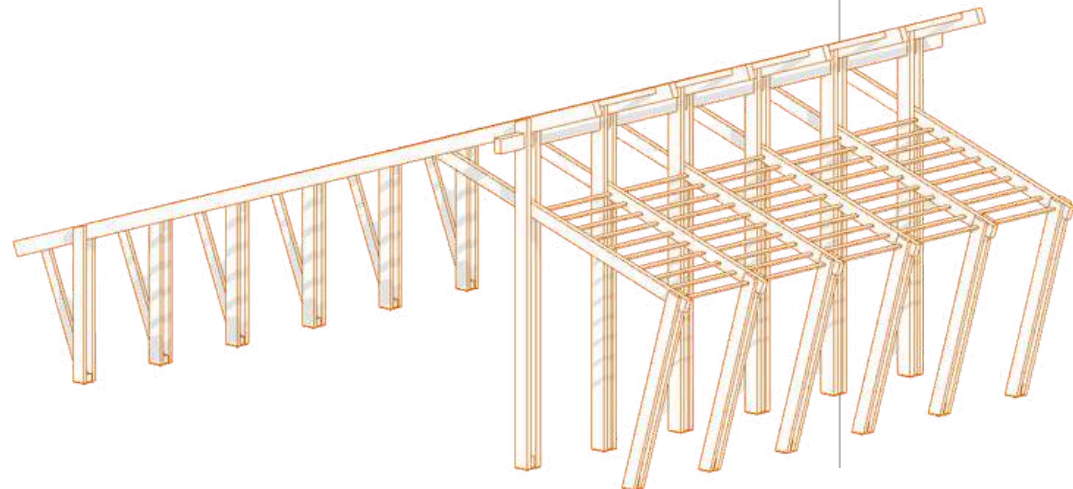


a estrutura

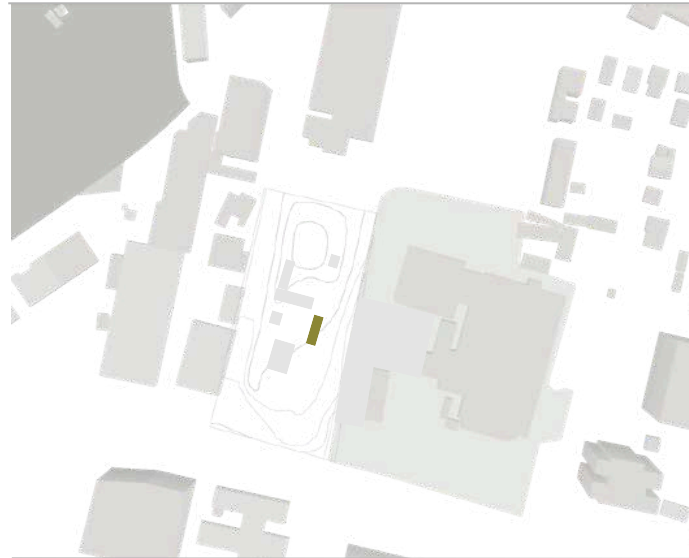
A estrutura do edifício principal é concebida em sistema wood frame e permanece intencionalmente aparente. Essa escolha revela a lógica construtiva do edifício e afirma um posicionamento ético: mostrar a verdade dos materiais e a forma como o espaço se sustenta. A madeira deixa de ser acabamento e passa a constituir o próprio corpo do edifício, criando uma atmosfera de calor, proximidade e pertencimento. A leitura clara da estrutura dialoga com a grande cobertura inclinada e integra técnica, materialidade e experiência sensível, reforçando o caráter acolhedor e não institucional do Maggie's.



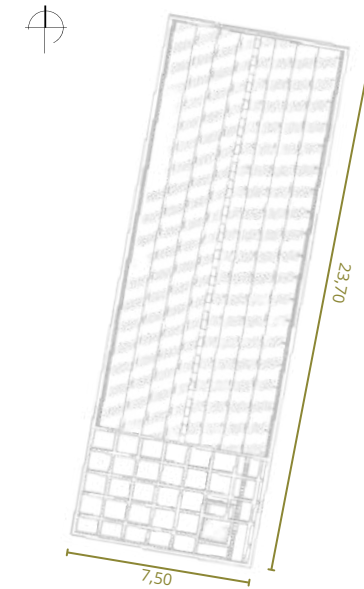
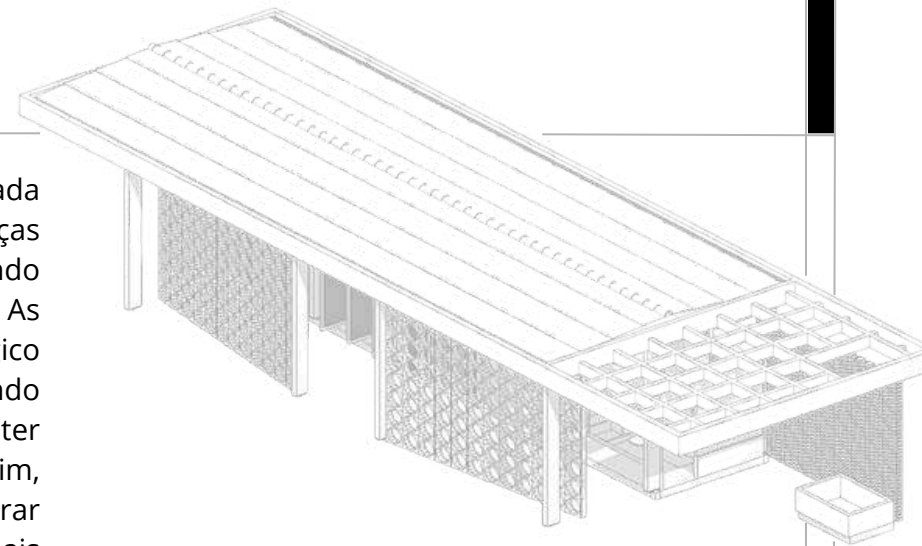
ISOMÉTRICA - ESTRUTURA DA COBERTURA



semi-privativo



A cobertura é estruturada em madeira laminada colada (MLC), com pilares, vigas e terças organizados em um grid regular, conferindo clareza construtiva e ritmo ao espaço. As paredes são executadas em tijolo ecológico (BTC) e painéis de madeira CLT, combinando sistemas construtivos que reforçam o caráter tátil, honesto e acolhedor da edificação. Assim, técnica e atmosfera se alinham para configurar um espaço de transição entre o convívio mais intenso do edifício principal e os ambientes de maior introspecção do Maggie's.



PLANTA DE COBERTURA

pausa, leitura e transição

A edificação semi-privativa abriga espaços destinados à permanência mais silenciosa e à convivência em pequena escala. Nela se organizam a biblioteca, um sanitário acessível e duas salas, uma média e outra menor, que, por meio de uma divisória móvel, podem funcionar de forma independente ou se integrar em um único ambiente para atividades em grupo.

Voltado para o pátio central, o edifício estabelece uma relação filtrada com o exterior por meio de painéis de cobogó, que atuam como limite permeável entre o dentro e o fora. Esse elemento cria uma barreira sutil, permitindo ventilação, entrada de luz e contato visual com o pátio, sem expor completamente os espaços internos. A intenção é sustentar um ambiente de recolhimento que não se isola, mas se mantém em diálogo constante com o conjunto.



PLANTA BAIXA SEMI PRIVATIVO
Esc 1:50

sala 03 - pequena

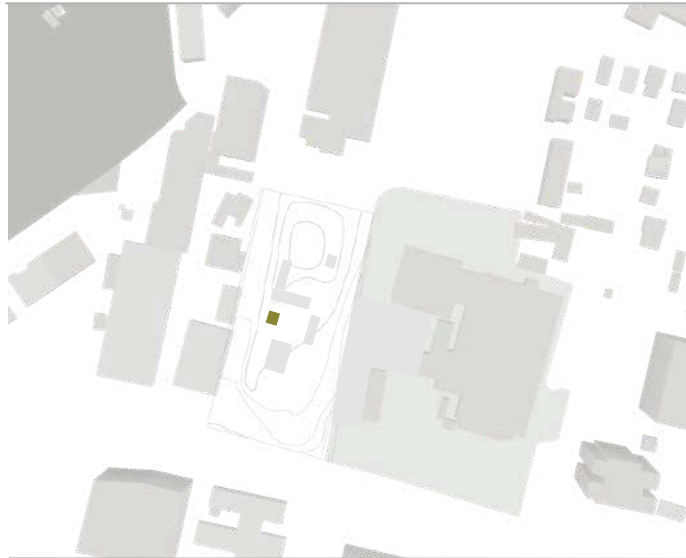
sala 02 - média

banheiro pcd

biblioteca



o pátio



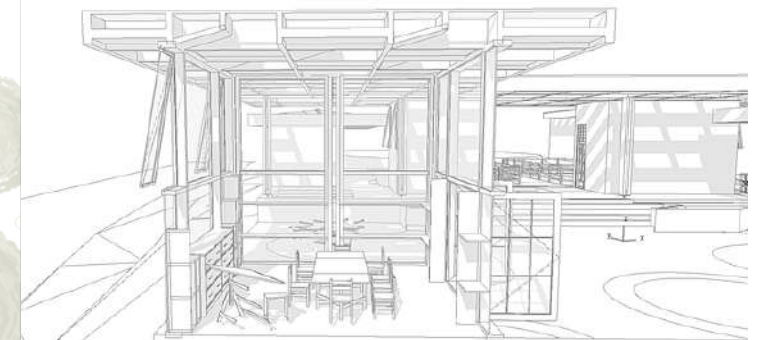
O paisagismo do pátio é composto por espécies tropicais, trazendo a sensação de casa e aproximando o ambiente interno da mata existente no entorno. Áreas de estar e contemplação permitem que o espaço seja vivido ao ar livre, reforçando o pátio como lugar de bons momentos e pertencimento. Assim, ele não apenas conecta os edifícios, mas sustenta o caráter relacional do Maggie's.



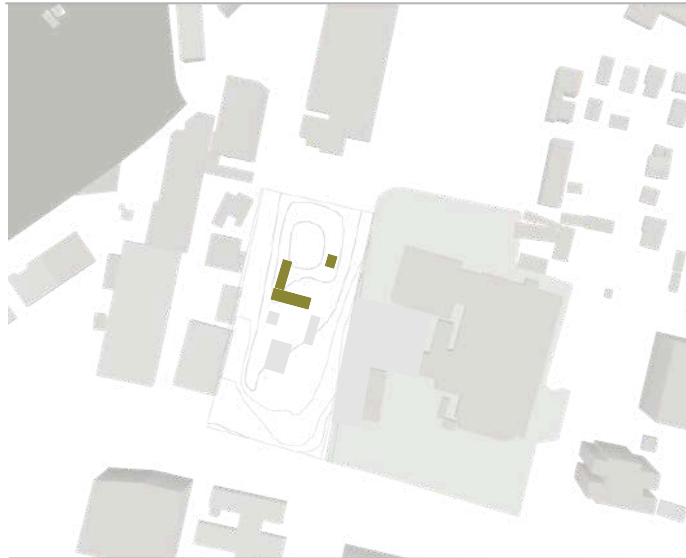
o interior como lugar de encontro

O pátio central é o espaço articulador do conjunto. Pensado como um vazio habitado, organiza as edificações ao seu redor de forma voltada para dentro, criando a sensação de abrigo coletivo. Essa configuração intencional permite que o Maggie's se afaste simbolicamente do mundo exterior, constituindo um território protegido, voltado à convivência, à pausa e ao cuidado.

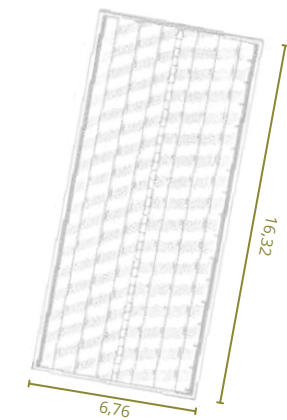
Mais do que elemento de conexão, o pátio é lugar de permanência. Nele se localiza o ateliê, entendido como espaço público e ativo, assim como a cozinha. Com pé-direito de 5,00 m, estrutura em madeira laminada colada (MLC) aparente e fechamento integral em vidro, o ateliê mantém relação visual contínua com o pátio e com os demais edifícios, convidando à aproximação e incentivando a prática artística como forma de encontro e expressão.



privativo



A materialidade acompanha essa mudança de atmosfera. O uso do tijolo ecológico (BTC) confere maior espessura, peso e sensação de abrigo, marcando a transição em relação aos espaços públicos e semi-privativos. Aqui, a arquitetura se torna mais silenciosa, mais contida, oferecendo suporte ao corpo e às emoções em situações de vulnerabilidade.



PLANTA DE COBERTURA RETREAT

cuidado, recolhimento e silêncio

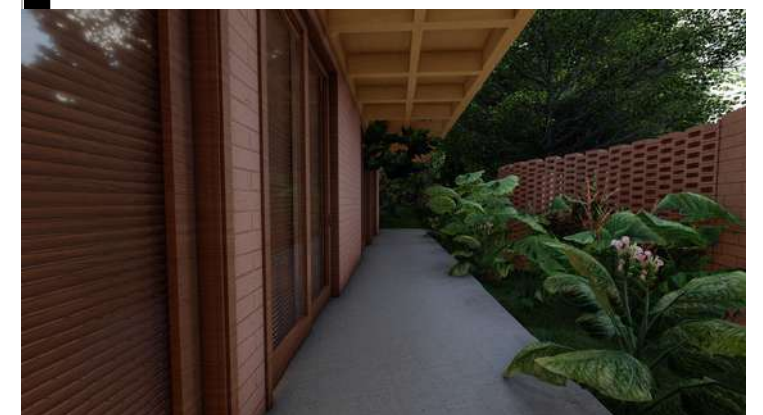
A porção mais privativa do Maggie's organiza-se como um território de maior densidade emocional, onde o espaço se fecha progressivamente para permitir escuta, repouso e introspecção. É nesse trecho que se localizam os dois consultórios - um deles preparado também para o repouso do corpo, com maca ou superfície para deitar - e o retreat, espaço destinado ao descanso individual.

Esses ambientes são implantados de forma a preservar a intimidade sem romper a relação com o entorno natural. A edificação em "L" cria um pátio silencioso voltado para um pequeno lago, enquanto um muro vazado em cobogós, de desenho orgânico e ajustado à topografia do terreno, atua como filtro entre os consultórios, o espelho d'água e o retreat. Envolto por um pequeno jardim com espécies tropicais e nativas, esse elemento constrói uma barreira sensível: protege o recolhimento, melhora o conforto ambiental e mantém a passagem de luz, ar e sons suaves.

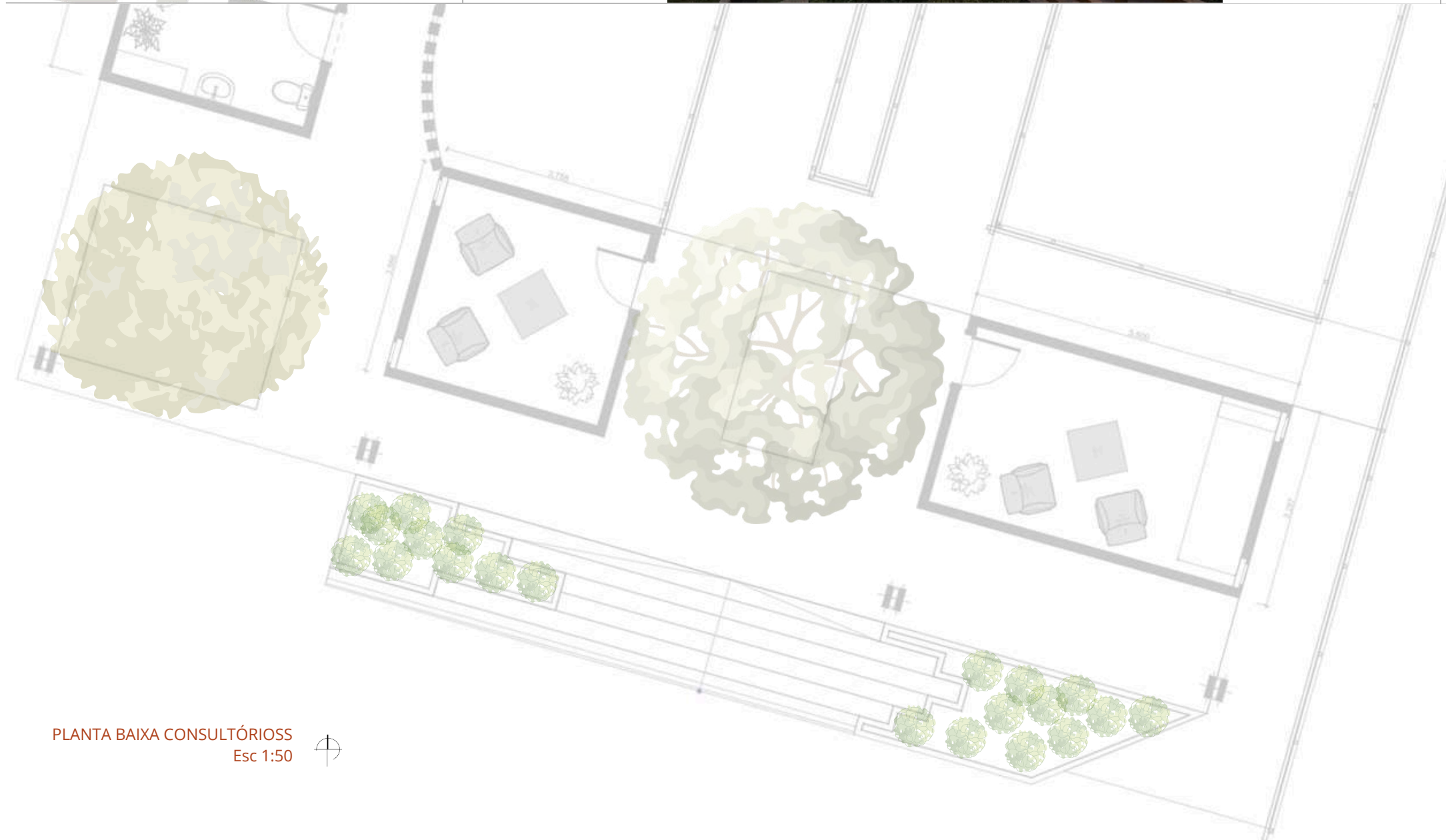
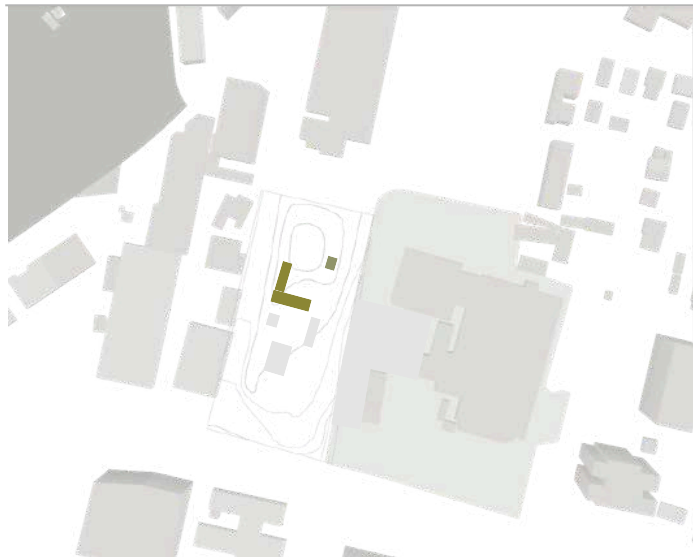


PLANTA BAIXA RETREAT
Esc 1:50

No interior do retreat, o cuidado se expressa nos detalhes. Atendendo a uma diretriz fundamental do briefing dos Maggie's Centres, o banheiro é concebido sem qualquer fresta na porta, garantindo privacidade absoluta. Essa escolha reconhece o choro, o silêncio e a vulnerabilidade como partes legítimas da experiência do cuidado. Uma poltrona confortável, também prevista no briefing, completa o ambiente como convite ao descanso e à permanência, revelando uma arquitetura que presta atenção ao que não se vê, mas se sente.



privativo



PLANTA BAIXA CONSULTÓRIOS
Esc 1:50



retiro espiritual e presença da paisagem

O espaço de oração foi concebido como um retiro espiritual aberto, ecumênico e profundamente conectado à paisagem. Não se ancora em símbolos religiosos específicos, mas na experiência sensível da luz, da matéria e da natureza como mediadoras do cuidado espiritual - independentemente de crença.

Implantado de forma mais afastada do conjunto principal, o espaço é conectado às demais edificações por meio da cobertura-pergolado, que protege o percurso e reforça a ideia de continuidade sem invadir o silêncio do lugar. Sua construção combina base em pedra, paredes em BTC, criando uma atmosfera densa, estável e acolhedora.

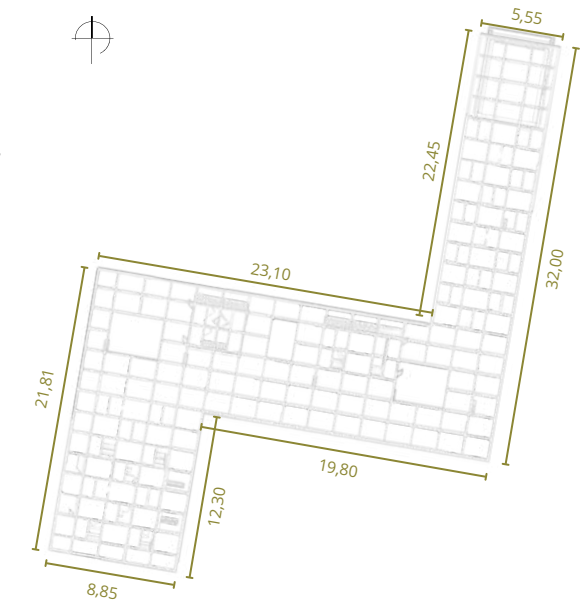
As aberturas laterais foram cuidadosamente posicionadas para permitir a entrada de luz indireta, desenhando o interior ao longo do dia e construindo uma ambiência contemplativa. Aberto em dois lados, o espaço se dissolve na paisagem: sentado nos bancos, o olhar encontra apenas a mata existente, sem interferências visuais externas. O mundo se afasta, e a natureza passa a ser o único horizonte.



cobertura articuladora



Nos consultórios, a iluminação zenital favorece a privacidade ao reduzir a necessidade de aberturas laterais. No ateliê, a maior permeabilidade visual reforça o caráter público do espaço e sua relação com o pátio central. Já no centro de oração, a luz filtrada contribui para a criação de uma ambiência mais introspectiva e silenciosa. Além de qualificar os espaços internos, essa cobertura acompanha o percurso externo, oferecendo abrigo ao longo do caminho e conectando o centro de oração ao restante das edificações, mesmo estando mais afastado. Assim, ela não apenas protege, mas costura o conjunto, articulando usos distintos sob um mesmo gesto arquitetônico.

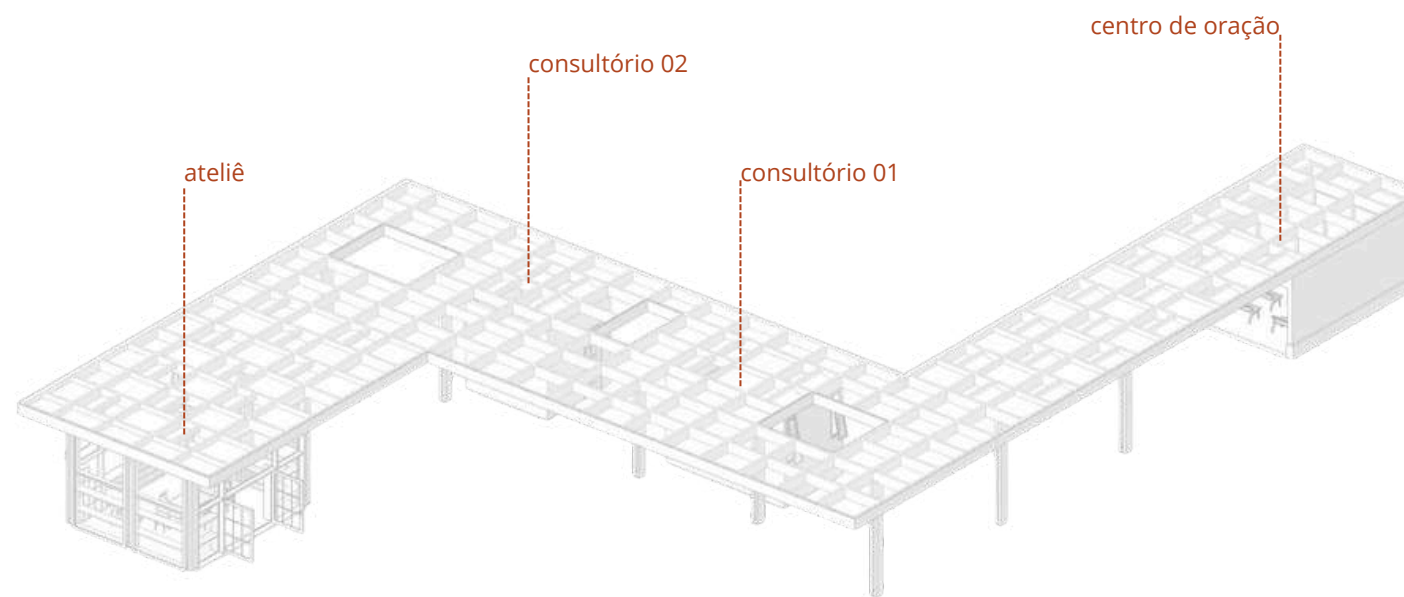


PLANTA DE COBERTURA

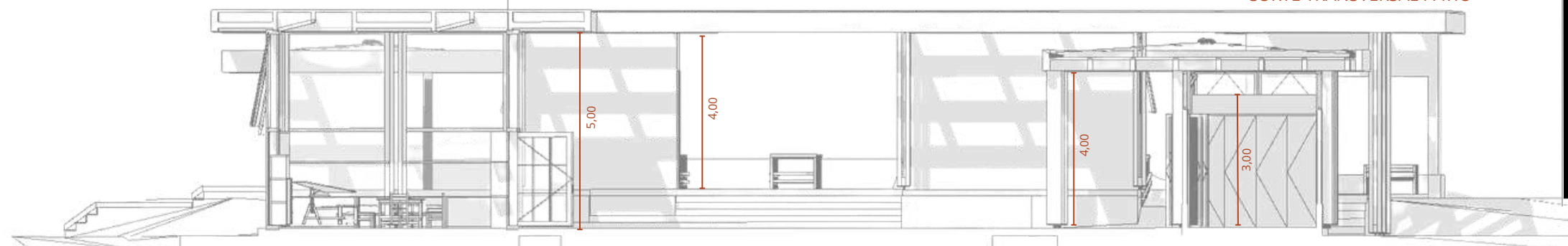
unidade, luz e atmosfera

A cobertura que abriga o ateliê, os consultórios e o centro de oração atua como elemento unificador do conjunto. Ela compartilha a mesma lógica estrutural da cobertura plana, diferenciando-se da grande cobertura inclinada do edifício principal. Sua configuração mais leve e permeável aproxima-se da ideia de um pergolado, estabelecendo uma presença menos maciça e mais sensível no espaço.

A estrutura recebe planos de vidro associados a uma trama de cheios e vazios, que modulam a entrada de luz, sombra e ventilação. Essa combinação permite que a cobertura não seja completamente aberta, mas que construa diferentes atmosferas de acordo com o uso dos ambientes que abriga.



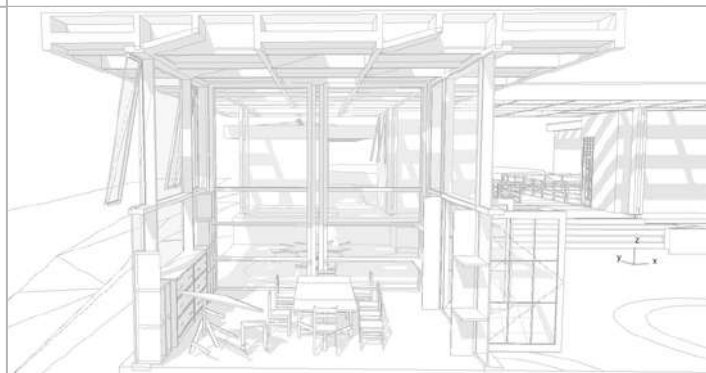
CORTE TRANSVERSAL PÁTIO



ambiências



manifesto final

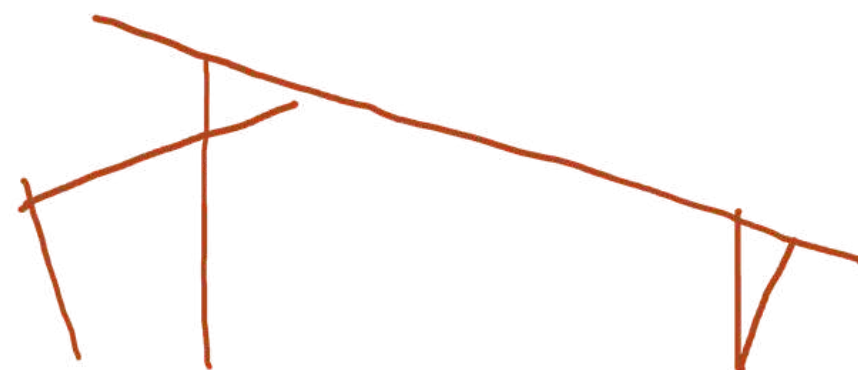


Este projeto nasceu do encontro. De ouvir histórias que não cabem em gráficos, de permanecer em silêncio quando não havia resposta, de aprender com quem atravessa a vida em estado de coragem cotidiana. Cada espaço aqui desenhado carrega algo que não é mensurável: o gesto de acolher, a atenção ao outro, a delicadeza de reconhecer fragilidades sem tentar corrigi-las.

Ao longo do caminho, ficou claro que cuidar não é conduzir, explicar ou controlar - é estar presente. É oferecer um lugar onde a pessoa possa ser mais do que paciente, onde o corpo possa descansar, a conversa possa surgir sem roteiro e o tempo não seja imposto. Um lugar no qual a arquitetura não resolve a dor, mas cria condições para que ela seja atravessada com dignidade, afeto e companhia.

Este Maggie's é resultado de ensinamentos silenciosos sobre a vida. Sobre a força que existe na escuta, na partilha, na mesa dividida, no riso que ainda encontra espaço. Sobre a importância de ambientes que respeitam o ritmo de cada um, que permitem recolhimento sem isolamento e encontro sem exposição. Aqui, o cuidado se constrói nos detalhes, na luz que acolhe, na matéria que aquece, na natureza que permanece.

Mais do que um projeto arquitetônico, este é um gesto de reconhecimento. Às histórias que confiaram em mim, aos afetos que me atravessaram e à certeza de que a arquitetura pode - e deve - ser um lugar onde a vida, mesmo ferida, continua sendo vivida.



A todos que cruzaram meu caminho nesses anos de graduação e deixaram marcas nesse percurso - no trabalho e em mim - minha profunda gratidão.

referências bibliográficas

ANTONOVSKY, Aaron. The salutogenic model as a theory to guide health promotion. *Health Promotion International*, v. 11, n. 1, p. 11–18, 1996.

EVANS, Gary W.; McCOY, Janetta M. When buildings don't work: the role of architecture in human health. *Journal of Environmental Psychology*, v. 18, n. 1, p. 85–94, 1998.

GOLEMBIEWSKI, Jan A. Start making sense: applying a salutogenic model to architectural design for psychiatric care. *Facilities*, v. 28, n. 3/4, p. 100–117, 2010.

GRAHN, Patrik; STIGSDOTTER, Ulrika A. Landscape planning and stress. *Urban Forestry & Urban Greening*, v. 2, n. 1, p. 1–18, 2003.

KAPLAN, Stephen. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. *Journal of Environmental Psychology*, v. 15, n. 3, p. 169–182, 1995.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen. *The Experience of Nature: A Psychological Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KAPLAN, Stephen; TALBOT, John F. Psychological benefits of a wilderness experience. In: ALTMAN, Irwin; WOHLWILL, Joachim F. (eds.). *Behavior and the Natural Environment*. New York: Plenum Press, 1983. p. 163–203.

HERMAN, Sandra A.; VARNI, James W.; ULRICH, Roger S.; MALCARNE, Vanessa L. Post-occupancy evaluation of healing gardens in a pediatric cancer center. *Landscape and Urban Planning*, v. 73, n. 2-3, p. 167–183, 2005.

SILVEIRA, Bettieli Barboza da; FELIPPE, Maíra Longhinotti (orgs.). *Ambientes restauradores: conceitos e pesquisas em contextos de saúde*. Florianópolis: UFSC, 2019. E-book (PDF). 118 p. ISBN 978-65-80460-05-2.

ULRICH, Roger S. View through a window may influence recovery from surgery. *Science*, v. 224, n. 4647, p. 420–421, 1984.

ULRICH, Roger S. Effects of interior design on wellness: Theory and recent scientific research. *Journal of Healthcare Interior Design*, v. 3, p. 97–109, 1991.

ULRICH, Roger S.; SIMONS, Robert F.; LOSITO, Barbara D.; FIORITO, Evelyn; MILES, Mark A.; ZELSON, Michael. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. *Journal of Environmental Psychology*, v. 11, n. 3, p. 201–230, 1991.

WHITE, Mathew P.; SMITH, Amanda; HUMPHRYES, Kelly. Blue space: the importance of water for preference, affect, and restorativeness ratings of natural and built scenes. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, n. 4, p. 482–493, 2010.